

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

**Sistematização do Ensino dos Esportes Coletivos
para Crianças de 9 a 12 anos de Idade: o caso do
Futsal**

*Trabalho aprovado
por Renato Francisco Rodrigues
em 05/12/2001, corrigido.
Assinado com RG 1125
por Renato Rodrigues
Campinas, 5/12/2001.*

Autor: Renato Francisco Rodrigues Marques

Campinas
2001



Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

**Sistematização do Ensino dos Esportes Coletivos
para Crianças de 9 a 12 anos de Idade : o caso do
Futsal**

Monografia de conclusão de curso, para
obtenção do título de bacharel em
Educação Física, na modalidade
Treinamento Desportivo, pela
UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr.
Jocimar Daolio

Autor: Renato Francisco Rodrigues Marques

Campinas
2001

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e professor, Jocimar Daolio, pelos conhecimentos compartilhados e por sua contribuição e paciência durante na elaboração desta monografia.

A todos os alunos da Escola de Futsal da UNICAMP, durante o primeiro semestre letivo de 2001;

Especialmente, à minha mãe, Regina, e minha irmã, Priscilla, por todo amor e carinho dedicados, e por estarem sempre torcendo por mim;

Ao meu pai, Antonio, por sempre estar ao meu lado e iluminar meu caminho;

A minha namorada Érica, pelo amor, amizade e apoio;

Aos meus tios Ajax, Arlete, Roberto, Helena e meus primos Alex, Adriano e Alessandra, pela colaboração e pelo apoio no início e durante minha carreira acadêmica;

Aos meus amigos da república “CASA DOS MANOS” (Mineiro, Tocotó, Sérgio, Kléber, Rafael, Rodrigo, Márcio, Lucas, Diego e agregados), pela união, apoio, amizade e alegria;

A todos os professores da UNICAMP, por terem me feito crescer, ajudando-me na realização desta conquista;

A todos os amigos e amigas que não citei aqui, mas que foram e são muito importantes para mim.

A todos aqueles aos quais esse trabalho possa, de alguma forma, contribuir e auxiliar.

APRESENTAÇÃO

Desde que me entendo por gente, tenho adoração por esportes, principalmente esportes com bola. Devido a forte influência tanto da cultura futebolística de nosso país, quanto de meu pai, sempre amei o esporte jogado com os pés.

Durante minha vida escolar não tive muitas oportunidades em jogar futebol de campo, realmente, minha maior vivência foi no Futsal (chamado mais comumente na época de Futebol de salão), e essa paixão foi crescendo até minha entrada na Faculdade.

Quando cheguei à FEF UNICAMP eu não tinha muito claro com o que gostaria de trabalhar e em que área me especializar, até que surgiu a oportunidade de atuar como auxiliar técnico da equipe de Futsal masculino da UNICAMP, experiência esta que apresentou-me definitivamente ao mundo desta modalidade e me abriu portas para outros trabalhos na área.

Meu interesse foi crescendo e aos poucos fui aprendendo e questionando cada vez mais tal esporte e suas práticas, segui experimentando metodologias e técnicas de ensino, tentando criar as minhas e buscando meios para aperfeiçoar meu trabalho.

Foi então, que durante o segundo semestre letivo de 1999, cursei uma disciplina que tratava de metodologias de ensino de esportes coletivos, a qual despertou-me um interesse enorme em aprender mais sobre isso. Foi então, que iniciei minha pesquisa que lhes apresento agora.

Foram 6 meses para a elaboração do projeto de pesquisa, sendo este enviado ao PIBIC/CNPq, órgão que financiou tal trabalho de Agosto de 2000 até Julho de 2001.

Esta monografia é resultado de experiências, questionamentos e conclusões que surgiram durante esses 3 anos de vivência dentro do Futsal, sendo enriquecido com os resultados da bolsa de iniciação científica e melhorado, com conclusões posteriores à ela.

Espero que tal trabalho seja tão enriquecedor para os que venham a estudá-lo quanto foi para mim, e que ele ajude os amantes do Futsal a desenvolverem novas questões sobre tal prática e com que com elas, cada vez mais este esporte se desenvolva em nosso país.

SUMÁRIO

1. RESUMO	01
2. INTRODUÇÃO	02
3. ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS	04
4. CARACTERIZAÇÃO DA MODALIDADE FUTSAL	17
5. METODOLOGIA DE AULAS	20
6. JOGOS E BRINCADEIRAS UTILIZADOS	23
7. AVALIAÇÃO DO MÉTODO SISTEMATIZADO	37
8. AVALIAÇÃO DOS JOGOS FORMAIS	39
9. CONCLUSÕES	52
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

1. Resumo

O ensino dos esportes coletivos, no caso o do Futsal, dentro das escolas de esportes, pode ser baseado em várias metodologias de ensino. Consideramos a Metodologia Centrada nos Jogos Condicionados, a qual tem como objetivo ensinar a técnica juntamente com a tática, através de Jogos Condicionados, ou Pré-desportivos, buscando um desenvolvimento autônomo do aluno dentro do jogo, propondo problemas a serem resolvidos pelo mesmo, colocando-o o mais próximo possível da situação a ser encontrada no jogo formal.

Essa sistematização foi dividida em três módulos (M1- Níveis de Relação, M2- Jogos de Movimentação Tática, M3- Maior utilização dos Jogos Formais), os quais foram aplicados e avaliados dentro do projeto de extensão “Escola de Futsal da UNICAMP”, criado na FEF – UNICAMP, para a realização de tal pesquisa com crianças de 9 a 12 anos de idade.

Durante a avaliação do método, foram observados os indicadores do nível do jogo, determinados em pesquisa bibliográfica. Através desse método de ensino, pôde-se desenvolver na criança uma maior capacidade de “ler o jogo”, agir coletivamente, defender e atacar de forma mais organizada e provocada, criando jogadores mais autônomos e conscientes de suas ações dentro de quadra. Isso foi claramente constatado, devido ao desenvolvimento de uma maior intimidade de relações dos alunos com a bola, diminuindo o individualismo excessivo e a aglutinação em torno da mesma.

2. Introdução

*“... o esporte não é educativo à priori.
É preciso torná-lo um meio de educação”.*
Montagner (1993, p.57)

Os esportes coletivos fazem parte da cultura esportiva da sociedade brasileira, visto, que o país já obteve grandes resultados em competições internacionais dessas modalidades. Dentro disso, podemos citar a procura, por parte de jovens e crianças, às escolas de esportes, sendo estas, uma oportunidade de prática esportiva e da brincadeira, visto que no espaço urbano são poucos os lugares propícios para tais vivências.

Então, sendo este um campo de ensino tão importante, a que caminhos a prática dos esportes coletivos é conduzida? Através de que veículo? Segundo Freire (1989), o ensino exige organização, exige método.

Dentro desse quadro, sistematizamos um método de ensino dos esportes coletivos, exemplificado na modalidade Futsal, onde se buscou a criação de uma linha metodológica que proporcione organização e um direcionamento ao ensino de tal jogo, chegando assim, à criação de aulas onde as crianças sentissem prazer em participar, pois estariam aprendendo através de jogos.

Após uma pré-sistematização teórica do método, houve a aplicação deste, com crianças de 9 a 12 anos de idade, dentro do Projeto de Extensão de Escolinha de Futsal, criado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, para tais fins, com duração de março a junho de 2001. A turma foi formada por 29 crianças, que tiveram acesso às aulas através de inscrição na FEF – UNICAMP. Tal método foi dividido em três módulos de ensino, em que cada um foi aplicado por cerca de um mês, utilizando-se da Metodologia Centrada nos Jogos Condicionados (Garganta, 1995). O total de aulas realizadas foi de 26, sendo cada uma composta de uma hora e trinta minutos de duração.

A avaliação do método foi realizada através de quatro filmagens, sendo a primeira antes da aplicação do método, e as seguintes, após o término de cada módulo.

Num primeiro momento, analisaremos a metodologia e a modalidade utilizadas na sistematização. Posteriormente, apresentamos a pré-sistematização do método (metodologia de aulas), seguida dos jogos e brincadeiras utilizados (contendo seus desenvolvimentos, seus objetivos, e a forma com que foram empregados na sistematização deste método), a avaliação do método (com análise a cada filmagem, ou seja, a cada módulo realizado, com observações de acordo com os indicadores do jogo bom e ruim de Garganta) e as conclusões e considerações finais deste trabalho (com comentários sobre as capacidades desenvolvidas em cada módulo, além da apresentação das redes de aprendizagem dos esportes coletivos).

3. Ensino dos Esportes Coletivos em Escolas de Esportes

O ensino dos esportes coletivos não se restringe somente às aulas de Educação Física escolar, mas também às escolas de esportes, campo de ensino, que segundo Azevedo (1999), tem como objetivo o trabalho técnico e tático em uma modalidade, desenvolvimento de habilidades específicas, otimização de potencialidades individuais, além da preparação do aluno para o desenvolvimento de uma base para a iniciação esportiva.

Segundo Azevedo (1999), um dos objetivos do trabalho das Escolas de Esportes é além de iniciar o aluno à prática esportiva, trabalhar a questão da não exclusão, de forma não competitiva, através de atividades integrativas. Paes (1992) cita que a competição precoce é deseducativa (embora este termo não explicita uma capacidade de retrocesso da educação por parte da competição, mas sim, uma colaboração muito pequena desta nesse processo), e ainda explicita uma relação entre competição e participação:

“A competição e a participação são aspectos que, embora sempre presentes, implicam diferentes níveis de ênfase, a competição prioritariamente é performance, profissionalização (...), e a participação como prioridade implica socialização, lazer, educação e valores culturais interativos”. (p.61).

Portanto, há a necessidade de enfatizarmos as atividades de cunho integrativo, visto que a não exclusão do aluno no grupo é peça fundamental no processo pedagógico.

Surge então, a necessidade de uma pedagogia voltada para esse fim, onde seria preciso ensinar técnicas e movimentos táticos aos alunos, respeitando sua cultura corporal, ou seja, *“culturalizar sem desnaturalizar”*

(Bracht, 1996), respeitando as técnicas e movimentos corporais aprendidos pelo indivíduo dentro de sua sociedade. Assim, podemos citar a *Pedagogia das Intenções*, idealizada por Claude Bayer¹ e que:

“... se constitui num tipo de pedagogia que solicita ao máximo os poderes decisórios do aluno (...) o aluno, mais do que reproduzir gestos esportivos, deverá se comportar ativamente no jogo, compreendendo as razões de fazer determinados movimentos.” (Grupo de Estudos Educação Física e Cultura, 1998, p.335).

Essa pedagogia valoriza a criança como um ser que age e modifica o meio em que vive, produtor de seu próprio futuro. Ou seja, essa é uma pedagogia onde a criança tem poder de decisão sobre seus atos, e não é somente uma mera executora de exercícios técnicos ensinados pelo professor. Portanto, um dos objetivos centrais a serem alcançados é que a criança entenda o jogo e sua dinâmica e, a partir disso, pense e tenha ações motoras coerentes ao jogo. Isso pode partir de um desenvolvimento de um raciocínio tático das crianças, em que elas terão três questões, “o que fazer”, “quando fazer” e “por que fazer” (Souza, 1999). Esse raciocínio tático, dentre outros fatores, pode proporcionar ao praticante um maior entendimento do jogo, possibilitando-o a comportar-se de maneira criativa e eficiente.

Esse conhecimento tático irá possibilitar uma maior gama de soluções motoras ao jogador, que terá maiores condições de obter êxito em suas ações durante o jogo, podendo ser usado tanto no momento de ataque, quanto no momento de defesa, não desconsiderando o momento de transição, sendo este um importante fator de ligação entre ações de ataque e de defesa.

¹ GRUPO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA. O ensino dos esportes coletivos: contribuições de Claude Bayer. Anais do I Congresso Latino Americano e II Congresso Brasileiro de Educação Motora. V.1, p.332-338, 1998.

Isso pode ser alcançado se tomarmos como pilar de apoio, a afirmação de que o aluno precisa saber o porquê e como realizar tal movimento antes de executá-lo. Segundo Bento (1997) o aluno tem que construir uma visão consciente da historicidade de suas práticas, entendendo-se como sujeito capaz de interferir em sua vida e na sociedade. Assim, surgem teorias pedagógicas com o intuito de justamente educá-lo como um ser social. Aplicando essa idéia ao futsal, Souza (1999) cita que a importância do desenvolvimento da capacidade tática justifica-se pela necessidade da formação de um jogador inteligente, capaz de resolver os problemas que ele encontra em situações de jogo, de forma apropriada.

Não podemos somente considerar esse ensino como um ritual mecanizado e adotado de forma padronizada por todos os professores para todos os alunos. Segundo Daolio (1997), o indivíduo adquire em sua sociedade técnicas que foram desenvolvidas e são utilizadas dentro desse meio social, sem que ele perceba. Portanto, é preciso um estudo e um preparo por parte do professor para que haja compatibilidade entre o ensino empregado e o aluno que o recebe.

Podemos observar que as diferentes culturas podem influenciar as diferentes técnicas e os diferentes comportamentos de indivíduos diante de um esporte coletivo. Por exemplo, no voleibol, pudemos observar, principalmente no final da década de 80 e início de 90, a maneira como os asiáticos realizavam o ato de sacar, com o movimento do braço no plano transversal, realizando a rotação do quadril, e a forma européia de sacar, lançando a bola para cima e realizando o saque com o braço estendido e com o movimento no plano sagital. Mesmo utilizando técnicas diferentes, ambos estavam jogando voleibol e ambos estavam sacando, cada um de sua forma.

Para Hourcade (1998), antes de ensinar deve-se apontar o que ensinar, ou seja, os objetivos necessários para a prática do esporte. Podemos entender que para ensinar deve-se antes ter uma fundamentação metodológica.

Segundo Garganta (1995, p.20), existem três formas didático-metodológicas de ensinar os esportes coletivos. São elas:

<i>FORMA CENTRADA NAS TÉCNICAS</i>	<i>FORMA CENTRADA NO JOGO FORMAL</i>	<i>FORMA CENTRADA NOS JOGOS CONDICIONADOS²</i>
<u>Características:</u> Das técnicas analíticas para o jogo formal; o jogo é decomposto em elementos técnicos; hierarquização das técnicas.	<u>Características:</u> Utilização exclusiva do jogo formal; o jogo não é condicionado nem decomposto; a técnica surge para responder situações globais não orientadas.	<u>Características:</u> Do jogo para as situações particulares, o jogo é decomposto em unidades funcionais (de complexidade crescente), os princípios do jogo regulam a aprendizagem.
<u>Consequências:</u> Ações de jogo mecanizadas, pouco criativas, comportamentos estereotipados; problemas na compreensão do jogo.	<u>Consequências:</u> Jogo criativo, com base individualista, anarquia tática; descoordenação das ações coletivas.	<u>Consequências:</u> Técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada; inteligência tática, correta interpretação e aplicação dos princípios do jogo, viabilização das técnicas e criatividade nas ações de jogo.

² Este termo é utilizado mais comumente em Portugal, em especial nesta tabela criada por Garganta, porém, tal metodologia não trabalha necessariamente um condicionamento do aluno ou da criança, mas sim, um aprendizado universal sobre os jogos desportivos coletivos. Pode-se entender também "Jogos Reduzidos" como outra definição para "Jogos Condicionados"

No Brasil, usa-se muito o termo “jogos pré-desportivos”, sendo estes de difícil definição. Para o desenvolvimento do método proposto neste trabalho, usaremos além deste, os termos “jogos” e “brincadeiras”, como ferramentas para o ensino dos jogos desportivos coletivos.

Hadich (1997), analisando as metodologias Centrada nas Técnicas e Centrada no Jogo Formal, citadas por Garganta, cita que devido à formação técnico-esportiva, os professores de Educação Física vêem seus alunos como atletas e impõem aos mesmos, regras imutáveis que se tornam restritas à reflexão dos alunos. Dentro dessa metodologia, Paes (1992) cita que as regras fixas valorizam o jogo e não o jogador, pois impõem uma lógica interna que determina as condutas motrizes e os atos dos mesmos. Sendo assim, a utilização de regras imutáveis, ou seja, a não utilização dos jogos pré-desportivos, pode acarretar no aluno um sentimento de ser incapaz à prática de determinado esporte, causando-lhe um sentimento de desprazer quanto à prática do mesmo.

Segundo Cardoso Júnior (s.d.), as metodologias Centrada nas Técnicas e Centrada no Jogo Formal, citadas por Garganta, visam à obtenção da perfeição mecânica e do automatismo do movimento trabalhado, porém, sem a preocupação de ensinar o porquê de sua execução. Podemos notar aí a ênfase na repetição das ações de forma invariável, trabalhando em grande parte com exercícios de execução individual. Segundo Souza (1999, p.320), existem algumas limitações na atual metodologia tradicional, centrada no ensino das técnicas dos esportes coletivos segundo Souza (1999):

- *“Normalmente, os alunos avançados se iniciam na prática do esporte fora da escola e nas aulas de educação física limitam-se a reproduzir técnicas mecanizadas que reduzem a sua capacidade de decisão;*

- *Os alunos menos capacitados, que não possuem sucesso na aquisição de um nível adequado de execução motora, estão condenados à repetição de uma série de movimentos padronizados, podendo reafirmar sua aversão à Educação Física;*
- *É estimulada a formação de sportistas-alunos dependentes de seu treinador-professor;*
- *Existe pouca transferência da aprendizagem da técnica para a situação real de jogo;*
- *Os alunos não chegam a compreender o jogo sportivo em todas as suas possibilidades e variações.”*

Pode-se notar na metodologia Centrada nos Jogos Condicionados, citada por Garganta, uma visão do esporte como conteúdo da Educação Física, utilizando-o como meio para uma educação integral do aluno, objetivando criar um cidadão crítico e conhecedor de suas ações, e ensinando esses esportes através de técnicas pedagógicas integrativas e jogos pré-desportivos. Segundo Garganta (1995), ao criar um jogo pré-desportivo ou condicionado,

“... dever-se-á propor ao praticante, formas lúdicas com regras simples, com menos jogadores e num espaço menor, de modo a permitir a continuidade das ações e maiores possibilidades de concretização.” (p. 22)

Souza (1999) cita outro método que se utiliza da sugestão de problemas para os alunos. Tal método é o “Situacional com Processos Cognitivos”, em que não há a utilização de jogos pré-desportivos, porém, a idéia de simular situações de jogo com diminuição do número de jogadores ou do espaço utilizado é a mesma da Metodologia Centrada nos Jogos Condicionados.

Portanto, alguns benefícios ocorridos no método citado por Souza, são observados na Metodologia utilizada no método sistematizado em nosso trabalho.

Assim, são considerados três aspectos dessa metodologia centrada no ensino dos esportes coletivos através dos Jogos Pré-desportivos, segundo Souza (1999):

- *“A tomada de decisão e formação de conceitos por parte dos alunos;*
- *A compreensão dos contextos dos jogos esportivos;*
- *A importância da tática na iniciação esportiva.”*

Sobre a utilização de determinadas técnicas pedagógicas no ensino dos esportes coletivos, Hourcade (1998) cita que as técnicas específicas em cada modalidade ensinada nas aulas de Educação Física são insuficientes para o aprendizado dos esportes na sua totalidade, e sugere que sejam levados em consideração quatro fatores no ensino desses esportes: *Percepção* (sensibilidade e entendimento da ação ocorrida), *Solução Mental* (pensamento e conhecimento tático em que a pessoa desenvolve uma resposta ao estímulo da ação ocorrente), *Solução Motora* (qualidades físicas, habilidades específicas, onde a pessoa realiza uma ação em resposta à ação ocorrente, geradora do processo) e *Fatores Psicológicos* (motivação, concentração, espírito coletivo, determinantes da eficácia na forma como serão realizados tais estágios). Podemos, a partir dessa afirmação, dizer que a maior preocupação nas aulas de Esportes Coletivos que seguem a metodologia tradicional centrada no ensino da técnica mecanizada, tem sido a solução motora, como se ela resumisse esse ensino, porém, todos esses fatores citados são importantes e devem ser transmitidos desde a iniciação esportiva.

Garganta (1995) propõe que o ensino dos esportes coletivos não deva ser estruturado a partir de elementos técnicos, mas de diversos níveis de

relação, que garantam ao aluno a compreensão da lógica do jogo. Desta forma, as técnicas surgirão em função da tática, de forma orientada e provocada, uma vez que é a tática que dá sentido à lógica do jogo, e não a técnica. Os níveis de relação citados por Garganta (1995, p.21) são: **eu-bola**, familiarização com a bola e seu controle; **eu-bola-alvo**, atenção sobre o objetivo do jogo, finalização; **eu-bola-adversário**, conquista e conservação da posse de bola, perda parcial da liberdade de ação e movimentos (devido à ação adversária); **eu-bola-colega**, interrupção das ações adversárias com a ajuda de colegas (visão ampla da ação conjunta entre dois indivíduos); **eu-bola-equipe-adversários**, assimilação dos princípios do jogo, ofensivos e defensivos, com interação de ações contrárias e amistosas, além da própria ação mental e motora.

Em contrapartida com os níveis de relação propostos por Garganta, surge a metodologia que ensina através da técnica, onde Cardoso Júnior (s.d.) propõe, para uma aula sobre ações defensivas em basquetebol, que sejam ensinados primeiramente as posturas, para depois ser abordada uma movimentação tática, seguindo o caminho inverso da metodologia apoiada nos Jogos Pré-desportivos.

A pedagogia que ensina, de uma certa forma, por meio da técnica pode, por valorizar a aptidão física e o rendimento dos alunos junto ao esporte ensinado, estimular a competição dentro do grupo de alunos, gerar um desinteresse pela prática esportiva, devido à forma com que os exercícios das aulas são impostos (não podem ser mudados ou adaptados pelos alunos) e repetidos, tornando esse método maçante. Freire (1989) cita que o ensino sem o prazer da prática por parte do aluno não tem razão de ser, pois se a criança não gosta do que está fazendo, ela não incorporará tal prática aos seus hábitos diários de vida.

Paes (1996) cita que um fator determinante na exclusão de alunos das aulas de Educação Física é o ensino das técnicas caracterizado pela repetição das mesmas em todas as séries do ensino fundamental, impedindo que haja progresso de uma série para outra. No caso das escolas de esportes, podemos observar uma certa repetição em várias categorias ou faixas etárias. Podemos entender, então, o desinteresse e até, em alguns casos, o abandono das aulas de Educação Física por parte desses alunos que, submetidos a uma metodologia em que prevalece o ensino puro e simples da técnica, sentem-se deslocados e incapazes de jogar tal esporte. Dentro dessa afirmação, é possível concluir que no ensino dos esportes coletivos é necessário algo mais do que simplesmente o domínio do movimento. É necessária uma inteligência tática, a partir da qual o aluno poderá encontrar soluções mais eficientes para os problemas encontrados durante os jogos. Sendo assim, após ter compreendido os níveis de relação de Garganta (1995), o aluno pode atuar dentro do esporte coletivo de maneira mais marcante e com maior entendimento de suas ações e atitudes, e movimentações dos adversários.

O ensino a partir dessa metodologia se dá através de Jogos Pré-desportivos, onde se desenvolve no aluno, não só a capacidade técnica, mas também a capacidade tática, de observar e absorver os problemas e situações de jogo e resolvê-los de maneira mais eficiente, idealizada pelo aluno, não se limitando a realizar movimentos mecânicos e sem fundamentação tática.

Podemos entender como inteligência tática a fusão dos conceitos de pensamento tático e conhecimento tático, que segundo Greco³ (apud Souza 1999):

“Pensamento tático caracteriza a capacidade do esportista relacionar em uma situação de competição as

³ GRECO, P. O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: aplicação no handebol. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas. Brasil. 1995.

alternativas e os planos próprios e do adversário e utilizá-los de uma forma adequada para obter êxito.” (p. 306)

Segundo o mesmo autor, o conhecimento tático pode ser definido como a capacidade de percepção ligada à capacidade de tomada de decisão, que pode ser desenvolvida através de estímulos e experiências adquiridas com vivências em determinado esporte.

Carvalho (1987) cita que o processo de ensino, se desenvolvido de forma igual para diferentes faixas etárias, pode desrespeitar os diferentes graus de desenvolvimento dos alunos de turmas diferentes, não proporcionando um rendimento igual para todas as faixas etárias, ou todos os níveis de desenvolvimento motor. Podemos comprovar isso destacando a afirmação de Zakharov:

“A prática pedagógica mostrou, que o efeito do ensino, depende da idade dos alunos. (...) A dependência entre a idade e a eficiência do ensino (...) se distinguem pelo nível diferente de ensinabilidade, aceitação de influências no treino e de processamento de informação.” (1992, p.294)

Zakharov cita que o rendimento dos alunos em relação ao aproveitamento e assimilação das técnicas e táticas deve ser feito de forma gradual, respeitando as características de cada faixa etária, buscando um maior aproveitamento em tudo que for ensinado. Sendo assim, ao aproveitar o momento em que o aluno está mais bem preparado para receber determinado estímulo, ele irá aproveitar muito mais a aula, sentir muito mais prazer e criar um maior interesse à prática do esporte coletivo.

Para Hourcade (1998), os jogos pré-desportivos, por possuírem elementos necessários à prática do esporte, são úteis ao ensino de crianças de 7 a 10 anos, pois nesta fase o que mais gostam de fazer é brincar, e com os

jogos, ensina-se através de brincadeiras. Desse modo, é possível dizer que através desses jogos infantis, torna-se mais fácil atingir e despertar o interesse da criança para o jogo e desenvolver na mesma, elementos necessários para o aprendizado dos esportes coletivos.

Paes (1992) cita que dos 6 aos 12 anos, a criança se encontra numa fase de crescimento intenso e tem início uma definição muscular e intensificação do potencial físico e mental. Portanto, nesta faixa etária, a criança precisa de um trabalho diferenciado e nivelado, utilizando-se de diferentes níveis de dificuldade, adaptando-se às mudanças psíquicas e corporais dos alunos.

Em relação às mudanças psíquicas desta faixa etária, é preciso salientar que durante a primeira idade escolar (7 a 10 anos) e a idade escolar tardia (11 a 13 anos), as crianças têm muita dificuldade em prender sua concentração a somente uma ação ou acontecimento, é preciso que a mesma esteja interagindo de alguma forma com a atividade proposta, direcionando sua atenção por tempo integral à mesma, possibilitando um melhor rendimento do aluno em determinado aprendizado.

Segundo Ferreira (1994), as crianças na faixa etária dos 9 aos 12 anos de idade apresentam as seguintes características:

Crianças de 9 anos: maior maturidade de seu sistema neuromotor, mais desenvoltura na execução de ações motoras de maior complexidade, mais crítica em relação aos acontecimentos à sua volta, estando seus interesses subordinados aos interesses do grupo a que pertence. Maior facilidade para o convívio em grupo.

Crianças de 10 anos: mais interativa nos jogos em grupo, maior capacidade de concentração e melhor noção de tempo e espaço, lateralidade definida e domínio das extremidades mais estruturado. Maior interesse por atividades que envolvem competição.

Crianças de 11 e 12 anos: maior amadurecimento bio-psico-físico e social, senso crítico aguçado, tendo maior domínio sobre suas capacidades motoras. Seus sentidos estão mais bem coordenados em relação às respostas motoras, facilitando a execução de ações motoras bem mais complexas.

Portanto, é preciso salientar através dos Jogos Pré-desportivos, a importância dessa metodologia, onde o ensino dos Esportes Coletivos é gradual e visa a uma preparação tanto física quanto mental do aluno, fazendo com que o mesmo desenvolva capacidades que proporcionarão, futuramente, uma maior capacidade de adaptar-se à prática de Esportes Coletivos, estando pronto para, a partir de determinada faixa etária, segundo Tani et al.(1988), dos 12 aos 14 anos, aprenderem atividades específicas, sendo que podem se tornar uma base para aprendizagens futuras, podendo haver até uma especialização e aprofundamento dos conhecimentos de determinada modalidade esportiva.

É importante citar também a idéia de Paes (1992) de que o atleta não tem como manter seu estado atlético por toda sua vida em condições ótimas de rendimento, portanto é preciso que o treinamento que vise a competição e resultado, seja feito somente quando o atleta se encontrar em idade adulta e já tiver passado por todos os estágios de aprendizado motor dentro dos esportes coletivos. Esse tipo de pensamento não visa somente desenvolver a técnica e a tática do aluno, mas também como precaução, pois segundo Cobra⁴ (apud Paes, 1992), ocorrem muitos problemas físicos, como lesões em crianças, quando as mesmas buscam um aperfeiçoamento técnico precoce. É preciso destacar que tanto a perda das capacidades atléticas quanto a incapacidade física causada por lesões podem tomar caráter de exclusão em alunos de esportes coletivos.

⁴ COBRA, Nuno. Cuidado: crianças jogando – Tênis Total, 1985. Confederação Brasileira de Basquetebol. Regras oficiais, São Paulo, Palestra, 1988.

Outro ponto a ser tratado no ensino dos esportes coletivos é o caráter competitivo dos mesmos e dos jogos pré-desportivos. Martins (1997) cita ainda a possibilidade de a competição ser usada de forma positiva no ensino dos Esportes Coletivos e não ignorá-la, pois ela faz parte do aprendizado, fortalecendo a opinião de Azevedo (1999) sobre a competitividade. O professor, então, deve evitar a supervalorização da competição, incluindo este tema nas discussões com os alunos. Pois a competição exagerada pode aumentar as possibilidades de frustração com o insucesso, fazendo com que os alunos passem a desgostar de esportes e evitar sua prática.

O esporte por si só, devido ao seu caráter competitivo, pode induzir, se ensinado de maneira limitada e mecanizada, a uma individualização do ser. Por isso, o ensino dos esportes coletivos pode levar o aluno a dois rumos distintos: um em que são valorizadas as normas e técnicas, obediência e assimilação acrítica de regras e a valorização da própria pessoa e do próprio corpo, reproduzindo o individualismo presente nas relações sociais ao seu redor; e outro, em que há o desenvolvimento da criticidade, criatividade, capacidade de resolver problemas e disponibilidade para socialização e valorização de outras pessoas dentro do grupo que conviver com ele.

Portanto, é preciso muito preparo e cuidado por parte do professor no ensino dos esportes coletivos, pois o mesmo é uma peça importante no desenvolvimento não somente do jogador, como também do cidadão. É preciso que esse ensino entenda o aluno como um ser capaz de modificar o mundo e a sociedade em que ele vive.

4. Caracterização da Modalidade Futsal

Essa sistematização usou como base a modalidade Futsal. Esta escolha foi feita devido à experiência do bolsista nesta área e ao enquadramento, segundo as definições de Claude Bayer, desta modalidade na classificação de esporte coletivo, além de ser a modalidade mais praticada em nosso país.

Segundo Bayer⁵ (apud Grupo de Estudos E.F. e Cultura,1998):

*“(...) na estrutura dos diferentes esportes coletivos existem princípios comuns passíveis de uma transferência, que constituem a base do ensino desses esportes, tais princípios são denominados de princípios operacionais”.
(p.333)*

Ainda segundo Claude Bayer, a defesa inicia-se quando há a perda da posse de bola e seus princípios operacionais são: 1. Recuperação da bola; 2. Incomodar a progressão do adversário; 3. Proteção do alvo ou do campo. O ataque pode ser considerado logo que a posse de bola é ou está por ser recuperada. É determinada pela forma defensiva dos jogadores, ainda sem posse de bola, e pela articulação das ações coletivas após a recuperação da mesma. Os princípios operacionais de ataque são: 1. Conservação da bola quando recuperada; 2. Progressão em direção ao alvo adversário; 3. Realização de um ponto. Portanto, pode-se observar tais requisitos citados acima embutidos no jogo de Futsal, sendo assim, perfeitamente cabível sua inclusão no grupo de modalidades esportivas coletivas.

Segundo Souza (1999), o Futsal é muito dinâmico, do ponto de vista de que a especialização relativa às funções e posições ocupadas na quadra de jogo tende a desaparecer progressivamente (exceto o goleiro). Na literatura

⁵ BAYER, C. O ensino dos desportos colectivo. Lisboa: Dinalivros, 1994.

desse esporte, é encontrada uma divisão em relação às posições dos jogadores e às características principais, segundo Souza (1999):

- A) Goleiro: boa colocação, agilidade, ousadia, flexibilidade e atenção são qualidades importantes. Deve conhecer todos os movimentos táticos e posicionamentos de bolas paradas, orientando seus companheiros no decorrer do jogo. Com a mudança da regra, o goleiro deverá possuir também características dos jogadores de linha, pois ele pode atuar com os pés fora da área, livremente.
- B) Fixos: grande senso de distribuição de jogo, bom passador e coordenador das jogadas de abertura. Deve possuir, também, boa colocação como opção do passe para uma nova organização do ataque e saber atrair o adversário, abrindo espaços em sua defesa.
- C) Alas: devem possuir excelente condicionamento físico, devido aos seus constantes deslocamentos. Devem possuir boa condução de bola, dribles rápidos, além da percepção para explorar espaços vazios.
- D) Pivôs: tem a função de distribuir as jogadas quando acionado ofensivamente, podendo também realizar ações de finalização.

É importante lembrar que a definição das posições e a especialização nas mesmas não são indicadas para a iniciação esportiva, porém, é importante no aprendizado da tática do Futsal, um direcionamento a uma movimentação e um repertório de ações universal, ou seja, são importantes o entendimento da dinâmica e a forma de raciocínio dentro do jogo de Futsal, não importando a posição ocupada por determinado jogador.

Tal dinâmica e raciocínio têm uma certa dependência dos sistemas táticos, que se caracterizam por posicionamentos, movimentações, ações e pensamentos táticos interligados em torno de um objetivo pré-estabelecido que culmina num sincronismo entre os jogadores de determinada equipe.

Os sistemas táticos básicos do Futsal (os mais usados atualmente) podem ser definidos assim:

- 1) Sistema 2-2: Consiste em dois jogadores posicionados na meia quadra defensiva e outros dois na meia quadra ofensiva. Esse sistema é mais utilizado em faixas etárias menores, devido ao baixo nível de complexidade e facilidade de execução.
- 2) Sistema 2-1-1: Caracteriza-se por dois jogadores posicionados na meia quadra defensiva, um terceiro jogador posicionado na linha central da quadra, próximo à lateral, e o quarto na meia quadra ofensiva. Sua aplicação também é simples, e é também bastante aplicado em faixas etárias menores.
- 3) Sistema 3-1: Caracteriza-se por ter um fixo posicionado na marca penal da quadra defensiva, dois alas posicionados lateralmente, um pouco mais à frente do fixo, ainda na meia quadra defensiva, e o pivô posicionado na meia quadra ofensiva. É um sistema com complexidade maior, visto as possibilidades de ações e movimentações dos jogadores envolvidos.

Esses esquemas táticos, assim como as especializações em determinadas posições táticas ocupadas pelos jogadores, não são exatamente o ponto a ser trabalhado na iniciação com crianças. Nesta fase, como indica a metodologia do ensino dos esportes coletivos através dos Jogos Pré-desportivos, deverá ser dada maior importância à capacidade de movimentação livre e a capacidade de tomada de decisões de acordo com a dinâmica do jogo, fazendo com que a criança entenda o jogo em si. Isso irá proporcionar à criança, versatilidade e maior interação com o jogo, para posteriormente, quando houver a necessidade de especialização em determinada posição tática, a criança ou o jogador possuir condições de agir taticamente no jogo em si.

5. Metodologia de Aulas

As aulas foram ministradas através do Projeto de Extensão para Escolinha de Futsal, na Faculdade de Educação Física da UNICAMP durante o primeiro semestre letivo de 2001. As mesmas tinham uma hora e trinta minutos de duração, com uma turma inicial de 29 crianças, de 9 a 12 anos de idade.

Como já foi citado, esse método de ensino foi sistematizado sendo dividido em três módulos (M1-Níveis de Relação, M2- Jogos de Movimentação Tática, M3-Maior utilização dos jogos formais), e dentro desses, as atividades propostas possuíam características e objetivos diferentes, porém, sempre baseados nos níveis de relação de Garganta (1995).

Módulo 1- Níveis de Relação: segundo Garganta (1995), o praticante de determinado esporte coletivo tem que considerar vários elementos (bola, terreno, alvo, colegas, adversários) antes de concretizar qualquer ação no jogo, por isso, é necessário que a aprendizagem desses jogos seja faseada e progressiva, do menos para o mais complexo.

O Módulo 1 visa a melhora do relacionamento do aluno com a bola, porém, colocando problemas a serem resolvidos, como o adversário, o espaço a ser ocupado e o alvo da finalização.

Nesse módulo, houveram atividades onde cada jogador possua uma bola, e também, jogos onde nem todos possuam a posse desta, podendo ser trabalhado o ato de desarmar ou tomar a posse de bola do adversário. Assim, a ênfase foi dada aos níveis de relação **eu-bola**, **eu-bola-alvo**, **eu-bola-adversário**, deixando o trabalho de relacionamento com colegas de equipe para o próximo módulo.

Neste módulo foram utilizadas tais jogos e brincadeiras: Passa Dez, Dono da Rua, Pega-pegas sem bola, Rua e Avenida, Grupo de Números, Simulação de Situações de Jogo, Zig-zag Humano, Gincana de Solado e Nunca Três⁶.

Módulo 2- Jogos de Movimentação Tática: Esse segundo módulo tem íntima ligação com os níveis de relação *Eu-bola-colega-adversário*, *Eu-bola-equipe-adversários*. Sendo assim, nesta fase foram trabalhados o posicionamento e a movimentação tática, onde foi dada ênfase à ocupação de espaços vazios no campo de jogo, à forma como marcar os atacantes adversários, ao desvencilhamento da marcação adversária e como dar opções de passes para os colegas de equipe, tanto em relação ao adversário mais próximo quanto aos demais. Foi estimulado no aluno um desenvolvimento técnico simultâneo ao tático, visto que este é necessário para a resolução de problemas dentro de tais atividades.

Podemos definir como conceitos de movimentação tática e posicionamento tático, a ocupação de espaços vazios que propiciem à equipe o avanço ao campo adversário, além de posicionar-se sempre fora da linha de ação do marcador, possibilitando o recebimento de passes de colegas de equipe, e por último, o posicionamento sempre em tentativa de vantagem espacial ou numérica em relação à defesa adversária na tentativa de finalização ao alvo, objetivo do jogo.

Dentro deste módulo foram utilizadas tais jogos e brincadeiras: Pic-Bandeira, Passa Dez, Grupo de Números, Simulação de Situações de Jogo.

Módulo 3- Maior utilização dos Jogos Formais: este último módulo é voltado aos jogos formais, onde são aplicados os conhecimentos adquiridos

⁶ Os jogos e brincadeiras utilizados serão descritos e comentados na sessão seguinte.

nos módulos anteriores. Foram apresentadas ao aluno, situações onde o mesmo pôde reconhecer ações táticas e técnicas, além de resolver problemas que desenvolvam seu potencial crítico e de tomada de decisões, de acordo com a situação apresentada.

Porém, durante este último módulo, foram utilizadas algumas atividades pertencentes ao Módulo 1 (Níveis de Relação). Tal necessidade surgiu após a terceira filmagem (avaliação do Módulo 2 (Jogos de movimentação tática), onde houve um desenvolvimento menos acentuado da relação dos alunos com a bola. Com tal mudança, pôde-se observar na filmagem quatro (avaliação do Módulo 3 – Maior utilização dos jogos formais), uma melhora da relação **eu-bola**.

6. Jogos e Brincadeiras Utilizados

Nesta sessão trataremos das ferramentas utilizadas na sistematização deste método, com a intenção de torna-los mais acessíveis, descrevendo seus objetivos, desenvolvimentos, materiais utilizados e alguns comentários sobre a forma como foram aplicados nas aulas para a realização deste trabalho.

Tais atividades foram utilizadas à partir de experiências anteriores em recreação e aulas de esportes para crianças, além da criação de algumas delas por parte do autor deste trabalho.

Megabol

Objetivos: Deslocamento sem bola em busca de espaços vazios para ações ofensivas, marcação do adversário e anulação de possíveis espaços vazios em ações defensivas.

Material: Uma bola de Futsal

Desenvolvimento: Divide-se duas equipes com números iguais de participantes. O objetivo central de cada equipe será receber a bola, com as mãos, dentro da área adversária (pode ser utilizada a área do goleiro, na marcação da quadra de Futsal). Quando um jogador estiver com a posse de bola, o mesmo não poderá movimentar-se, será obrigado a passar a bola para algum companheiro, quando não estiver com a posse de bola, a movimentação é livre. Nenhum jogador poderá roubar a bola da mão do adversário, a retomada de bola somente poderá ocorrer se a mesma estiver em fase de vôo, sem a posse de nenhum jogador, por meio de interceptação, ou quando a mesma ultrapassar os limites da quadra. Ganha quem marcar mais pontos, ou seja, quem receber mais vezes a bola dentro da área adversária.

Comentário: Devido este ser um jogo que utilize principalmente as mãos, a associação com o ensino do Futsal existe no ensino da movimentação

tática e na observação e leitura do campo de jogo. Este jogo mostrou-se bastante motivante, já que se tornou uma novidade dentro da aula de Futsal.

A grande vantagem em utilizá-lo para uma iniciação do ensino de movimentação tática em esportes coletivos é que, ao usar as mãos, o aluno pode voltar sua atenção ao seu posicionamento e à observação das possibilidades de movimentação dentro de quadra, não precisando preocupar-se com o controle da bola nos pés, além, de que, a criança estando parada para fazer um passe, ela tem mais tempo para raciocinar dentro da situação apresentada.

Dentro disso, este jogo não trabalha somente a percepção e a capacidade de ação do jogador que detém a posse de bola, mas também o raciocínio e a intencionalidade dos jogadores que irão se movimentar para recebe-la, além dos que irão marcar a equipe que possui a posse de bola, sendo obrigados a preocupar-se não somente com o jogador que está com a bola, mas também com os jogadores que se movimentam pela quadra à procura de espaços vazios.

Passa Dez

Objetivos: Trabalho de relação entre bola, colegas e adversários, movimentação sem bola, marcação, ocupação de espaços vazios e criação de linhas de passe.

Material: Uma bola de Futsal

Desenvolvimento: Divide-se a turma em duas equipes com números iguais de participantes. O objetivo central de cada equipe será o de fazer dez passes, sem nenhum toque do adversário na bola. Para isso, o jogador que estiver de posse de bola poderá movimentar-se livremente. O adversário poderá interceptar, roubar ou simplesmente tocar na bola, visando à quebra da contagem de passes, ou a tomada da posse de bola para sua equipe. Cada vez

que uma equipe realizar dez passes, marca um ponto. Ganha a equipe que marcar mais pontos.

Variação: para evitar passes curtos, sem objetividade, pode-se aplicar a regra de não poder passar a bola para o companheiro que lhe passou a mesma, obrigando o aluno a procurar outro companheiro bem posicionado para a recepção da bola.

Comentário: Durante a realização deste jogo, seu objetivo pode ser mudado para mais ou menos passes, de acordo com o repertório técnico e tático do grupo. É importante ressaltar a importância deste jogo no ensino tático, pois existe a utilização dos pés para domínio e condução de bola, sendo mais próximo da situação de jogo encontrada pelo aluno. Além disso, é válido ressaltar que o objetivo do “passa dez” é diferente do objetivo do jogo de Futsal, pois no jogo em questão não existe alvo, e com isso, há uma mudança no raciocínio e na lógica do mesmo, onde, por exemplo, um aluno, com extrema habilidade de drible, tem facilidade em realizar jogadas individuais e concluir para o gol num jogo formal de Futsal, porém, neste jogo, se o mesmo reter muito a bola ele, além de desviar o objetivo do jogo, estará prejudicando sua equipe, pois não estará acumulando passes, além de possibilitar mais chances do adversário tocar na bola. Portanto, esse aluno acostumado a jogadas individuais, terá que se adaptar e raciocinar de forma diferente, buscando ajuda de companheiros de equipe e necessitando procurar espaços vazios para receber a bola em condição de passá-la novamente para outro companheiro.

Dono da Rua

Objetivos: Trabalho de Relação com a bola e adversários.

Material: Uma bola para cada membro do jogo (exceto os que serão os “donos da rua”).

Desenvolvimento: Usando as linhas laterais da quadra, ficará estipulado que no meio entre elas será a rua e fora delas será a calçada. Um ou mais participantes ficarão no meio da rua (dono da rua), sem bola, os outros ficarão na calçada, cada um com uma bola. Quando o professor do jogo apitar, todos os participantes deverão atravessar a rua conduzindo a bola com os pés, enquanto que o dono da rua deverá tomá-la de quem tentar atravessar a rua. Ao tomar a posse de bola, o dono da rua deverá conduzir a bola roubada até uma das extremidades, caso o primeiro jogador, que perdeu a posse de bola, venha a retomar sua posse, o mesmo poderá dirigir-se a uma das linhas laterais, para não ser pego novamente pelo dono da rua.

Comentário: Esse jogo tem como objetivo central o trabalho de condução de bola e drible, porém, obrigando o jogador a seguir em linha reta, ou seja, a tentar o drible de forma a passar pelo adversário e não somente parar e proteger a bola. Trabalha também noções de marcação e exige uma atenção especial do aluno no momento da saída, pois crianças nesta faixa etária têm uma certa dificuldade de concentração, com isso, o professor ou professor pode variar o ritmo dos apitos iniciais, prendendo a atenção do aluno no estímulo auditivo. Outra vantagem apresentada neste jogo é a existência de outros alunos ao seu redor, a necessidade de observar o posicionamento do adversário e o drible em espaço curto, já que o campo de jogo, neste caso, é diminuído em relação às dimensões de uma quadra de Futsal.

Pega-pega com bola

Objetivos: Trabalho de relação com a bola e com adversário, estimulando a percepção espacial, juntamente ao desenvolvimento da intencionalidade.

Material: Uma bola para cada jogador.

Desenvolvimento: Divide-se a turma em duplas, sendo que cada componente da dupla estará de posse de uma bola. Realizar-se-á, então, um pega-pega entre os dois, sendo que somente será permitida a movimentação através do drible e da finta. Assim que um participante pegar o outro, ambos trocarão de papéis.

Comentário: Pode-se dizer que dentro desse jogo, houve grande desenvolvimento em relação à condução de bola e a intencionalidade em ações individuais, sendo que o jogador quando foge, além de prestar atenção no controle da bola, deverá prestar atenção no colega que estará perseguindo. Da mesma forma, o jogador que está correndo para pegar o colega deverá prestar atenção no controle da bola, além da direção e da velocidade com que o jogador perseguido se desloca.

A grande vantagem da utilização deste jogo é que, por estarem correndo, a leitura da situação, o raciocínio e as respostas mentais e motoras em relação à mesma deverá ser mais rápido e extremamente próximo à situação encontrada durante uma partida de Futsal, quando o jogador detém a posse de bola, o mesmo não pode dirigir sua atenção à mesma, mas sim, deverá apresentar um controle da bola, analisando e agindo de acordo com as situações e problemas ocorrentes no jogo.

Dentro deste jogo, notou-se uma grande excitação e motivação das crianças, pois além do caráter lúdico da atividade, é um jogo que demonstrou ser de fácil execução, e muito presente na cultura corporal das crianças, pois é um jogo conhecido e vivenciado por elas.

Rua e avenida

Objetivo: Trabalho de relação com a bola, além de desenvolver a capacidade de intencionalidade e leitura do espaço da quadra.

Material: Uma bola para cada participante da perseguição dentro do jogo.

Desenvolvimento: Todos os participantes posicionar-se-ão no centro da quadra, em forma de colunas paralelas, de mãos dadas. Dois participantes posicionar-se-ão entre as filas, cada um com uma bola, um sendo o pegador e outro, o fugitivo. Ao comando do professor, quando o mesmo gritar “rua”, todas as colunas posicionar-se-ão na forma original do jogo. Quando houver o comando “avenida”, todos realizarão meia-volta à direita e darão as mãos para o companheiro ao seu lado. Enquanto isso, o pegador deverá pegar o fugitivo dentro das colunas.

Comentário: Esse jogo é muito importante para aulas onde não haja um número suficiente de bolas (considerando uma bola por aluno), sendo necessárias somente duas bolas (ou se necessário, uma bola). Dentro desse jogo, o professor ou professor tem total controle do sentido em que os alunos irão correr, portanto, pode ser usado como ferramenta de motivação para alunos que encontrem alguma dificuldade em realizar a atividade proposta, facilitando as condições de jogo para o mesmo.

Uma característica ímpar neste jogo é a participação total e necessária de todo o grupo, além de proporcionar paradas e mudanças bruscas de direção, aos jogadores que efetuam a condução de bola, forçando-os a prestar atenção em outros estímulos além da bola como, por exemplo, a mudança de direção do grupo, o comando do professor para tal mudança e a movimentação e localização do companheiro perseguido ou do perseguidor.

Grupo de números

Objetivo: Trabalho de relação com a bola, adversário, colegas e alvo, desenvolvendo a busca por espaços vazios, intencionalidade, busca por linhas de passe e alcance do alvo, ou objetivo do jogo.

Material: Duas bolas

Desenvolvimento: Divide-se a turma em duas equipes com número igual de participantes, e numera-se, dentro da equipe, cada participante. As duas equipes permanecerão sentadas sobre as linhas laterais da quadra. Quando o professor gritar algum número, os respectivos alunos irão levantar, apossar-se da bola, dirigir-se ao gol e realizar o chute de conclusão. Ganha a equipe que fizer mais gols nesse procedimento.

Comentário: Esse jogo mostrou uma enorme gama de variações, podendo ser trabalhado tanto nos Módulos 1 (Níveis de relação) como no 2 (Jogos de movimentação tática), pois, pode-se variar os objetivos (as equipes podem fazer gol na mesma baliza ou em balizas diferentes), as relações entre colegas e adversários (1X1, 2X2, 3X3,...) e as exigências (só valerá fazer gol se todos os companheiros tocarem na bola, só valerá gol após um drible).

Dentro deste jogo, pode-se trabalhar também a capacidade de atenção das crianças, pois antes de o professor cantar o número correspondente a algum aluno, todos precisam estar prestando máximo de atenção possível, pois qualquer atraso pode significar um gol adversário.

Outra característica deste jogo é a gama de variações que ele proporciona ao professor, podendo utilizar duas bolas e duas balizas (ganha ponto quem faz o gol mais rápido), uma bola e duas balizas (cada equipe ataca em uma baliza), duas bolas e uma baliza (exigindo uma definição rápida de posicionamento de defesa ou ataque dos alunos), e outras variações possíveis.

Devido aos alunos estarem divididos em equipes (colunas), esse jogo é extremamente estimulante, pois cria um espírito de equipe nas crianças e faz com que seja muito divertido e excitante, tanto estar em ação (tentando marcar ponto), quanto estar torcendo por sua equipe.

Pic-bandeira

Objetivo: Trabalho de posicionamento, fintas com o corpo, marcação, organização tática, relação com a bola, colegas e adversário.

Material: Duas bolas

Desenvolvimento: Divide-se a turma em duas equipes, sendo que cada equipe terá o objetivo de chegar à área de defesa adversária, tomar posse da bola e conduzi-la, com as mãos, até seu campo de defesa, marcando, assim, um ponto. A forma de defesa é tocar no jogador atacante quando o mesmo estiver no campo de defesa adversário, obrigando-o, assim, a permanecer parado no local em que foi pego. Para poder movimentar-se novamente, o aluno precisará ser “salvo” por algum companheiro de equipe, e para isso, este deverá dirigir-se ao seu companheiro e tocá-lo. Caso, algum jogador esteja com a posse de bola, fora da área (dentro da área da bola, o ataque está livre de toques adversários, e a defesa está impedida de entrar na mesma), o mesmo poderá ser pego pela equipe defensora, e a bola voltará para sua área.

Comentário: Este jogo tem caráter estritamente de movimentação tática, ou seja, de relação com o adversário, colega e objetivo (alvo). Para isso, utilizamos a mesma estratégia encontrada no Megabol, descrito anteriormente, ou seja, a utilização das mãos para controle da bola, facilitando para o jogador, a concentração em sua movimentação para livrar-se dos adversários e para encontrar espaços vazios na defesa adversária. Outro caráter importante nesse jogo é a possibilidade da movimentação dos participantes por setores, onde o interessante é possibilitar aos alunos tal organização, fazendo com que os mesmos percebam os espaços a serem ocupados na defesa e invadidos no ataque, podendo até induzi-los a um raciocínio de porquê existem posições pré-estabelecidas, ou o porquê da defesa e do ataque.

Variação: Se o professor desejar um enfoque maior à utilização de situações de jogo de Futsal, pode, ao invés de utilizar a condução da bola com

as mãos, fazer com que os alunos tragam a bola até seu campo de defesa com a utilização de passes entre eles, ou até a condução livre da bola. Porém é importante ressaltar que, nessa situação, o objetivo e as ações da defesa mudam, pois o mesmo deixa de ser tocar o adversário, mas sim, tomar a posse de bola do mesmo.

Simulação de situações de jogo

Objetivo: Simular situações de jogo, evidenciando posicionamento de ataque e defesa, utilizando relações com a bola, com companheiros de equipe e com adversários.

Material: Uma bola.

Desenvolvimento: Esta atividade caracteriza-se pela divisão de três grupos, com número indefinido de elementos, porém, buscando sempre a igualdade numérica entre os mesmos, sendo dois responsáveis por atacar e um responsável por defender. Para melhor explicarmos tal exercício, os dois grupos de ataque serão definidos como G1 e G2, e o grupo de defesa como G3.

A atividade tem início no primeiro sinal (apito) do professor, para que um aluno do G3 dirija-se ao mesmo (que estará posicionado próximo à marca do pênalti da baliza que irá sofrer o ataque), enquanto este aluno vem em sua direção, ocorre um segundo sinal, para que um aluno do G1 e outro do G2 ataquem, de forma conjunta, a baliza escolhida, enquanto que o aluno do G3, próximo ao professor irá defender a baliza.

Variações: Esta atividade pode ser realizada com mais defensores ou atacantes, dependendo da intenção do professor. Podem ser trabalhadas, também, situações de igualdade numérica entre defesa e ataque, vantagem numérica para defesa e vantagem numérica para o ataque.

Comentário: Esta atividade foi muito utilizada, principalmente no Módulo 2 do método sistematizado (Movimentação Tática), pois com ela, pudemos simular várias situações de jogo, criando problemas para serem resolvidos pelos alunos, principalmente em relação ao posicionamento da defesa em relação à bola, aos adversários e à baliza, perguntando às crianças, quando alguma jogada não era concluída de modo eficaz, como poderia ser realizada de maneira melhor, induzindo-as a um raciocínio lógico em relação ao posicionamento tático do jogo e estimulando a leitura do jogo, aliada à movimentação provocada por parte dos mesmos.

Outro conceito trabalhado nesta atividade foi a movimentação do ataque, fazendo com que as crianças entendessem o porquê de não correr sempre na mesma direção e para os mesmos lugares, além de ensinar a base formadora de um início do aprendizado do rodízio do Futsal, embora esse ensino (do rodízio de forma completa) não seja prioridade e, ao meu ver, inadequado para a idade em que as crianças se encontram.

Zig-zag humano

Objetivos: Trabalho de relação com a bola, de forma individual.

Material: Uma bola para cada coluna.

Desenvolvimento: Divide-se a turma em colunas (o número de colunas é variável, porém, é necessário que sejam no mínimo duas, com no mínimo, 4 crianças em cada coluna), posicionadas na linha de gol da quadra. O último da cada coluna deverá estar de posse de bola, e o mesmo, ao apito do professor, deverá conduzir a bola em direção ao primeiro, porém, passando entre seus colegas de coluna, em forma de zig-zag. Ao chegar no primeiro da coluna, o aluno com posse de bola realizará um passe para o último da coluna, porém por entre as pernas dos alunos de sua equipe, com isso, o último aluno da coluna realizará o mesmo exercício. Esta sequência segue até a coluna atingir

algum local determinado na quadra pelo professor ou até o aluno que começou o jogo em primeiro na coluna, retornar á sua posição na mesma. Ganha o jogo a coluna que executar primeiro a tarefa combinada anteriormente.

Comentário: Primeiramente, este jogo tem muito em comum com exercícios provenientes da Metodologia Tradicional de ensino dos esportes coletivos, pois os alunos simplesmente realizam movimentos de um lado para o outro com a bola, sem prestar atenção no que eles estão desviando, e pior, automatizando um determinado movimento. Portanto, este jogo foi utilizado somente uma vez na sistematização deste método, pois julguei ser pouco eficiente no que diz respeito ao estímulo de leitura de jogo e intencionalidade do aluno, trabalhando contra a Metodologia aplicada no método. Porém, podemos classificar tal exercício como presente no nível de relação *Eu-bola*, por isso, tal jogo foi utilizado.

Outra característica observada durante a realização deste jogo, é a facilidade com que as crianças dispersam sua atenção quando posicionadas em colunas, sendo esse um fator prejudicial ao ensino tático de determinado esporte coletivo.

Gincana do solado

Objetivo: Apresentar e possibilitar a vivência do controle de bola com o solado do pé, trabalhando a relação com bola e colegas.

Material: Uma bola para cada trio.

Desenvolvimento: Divide-se o grupo em trios, posicionando uma criança de cada grupo sobre a linha do meio da quadra, e uma em cada linha de gol, com a bola sob domínio da criança posicionada no centro da quadra. Ao sinal do professor, o aluno com a posse de bola deslocar-se-á, o mais rápido possível, em direção a um de seus companheiros, utilizando o solado

do pé para condução da bola. Ao chegar perto de seu companheiro, o mesmo possuirá a posse de bola e terá de dirigir-se ao colega do outro lado da quadra. Ganha o jogo ou um ponto a equipe que posicionar novamente os jogadores na posição inicial.

Comentário: Esta atividade foi mais utilizada durante o Módulo 1- Níveis de Relação, pois trabalha a relação *Eu-bola*, além de trabalhar noção espacial, e sentido de grupo. Antes de utilizarmos este jogo no ensino do Futsal, raramente observava-se a utilização da condução e do domínio da bola com o solado do pé, porém, após sua realização, pôde-se notar, tanto em jogos formais, quanto em Jogos Pré-desportivos a utilização da mesma.

Este jogo pode ser confundido com uma Metodologia centrada no ensino das Técnicas, porém, apesar de valorizar nitidamente a relação *Eu-bola*, o mesmo enquadra-se nos Jogos Pré-desportivos, devido seu caráter de competição e realização de exercícios com objetivos determinados (realização rápida para ganhar o jogo).

Nunca três

Objetivo: Trabalho da atenção, relação com bola e adversário, além de desenvolvimento da intencionalidade.

Material: Duas bolas por dupla.

Desenvolvimento: Divide-se o grupo em duplas, posicionando-as sentadas, espalhadas pela quadra, com as crianças apoiando suas costas nas costas da colega. Uma dupla (ou mais, de acordo com o número de crianças, ou o objetivo a ser alcançado com a atividade), estará com posse de bola, sendo que uma criança dessa dupla perseguirá a outra até tocá-la, assim que isso ocorrer, os papéis invertem-se. Enquanto foge do perseguidor, a criança perseguida pode entregar a bola para qualquer aluno sentado, tornando este o

perseguidor e a criança que já possuía a bola, o fugitivo, sendo que quem perdeu a posse de bola, senta no lugar de quem levantou.

Comentário: Tal atividade não foi utilizada com frequência, devido ao grande tempo em que as crianças permaneciam sentadas, porém, tem um grande valor no trabalho das relações *Eu-bola*, *Eu-bola-adversário*. Outro atrativo deste jogo é a utilização de poucas bolas, situação essa, encontrada em muitos locais onde possam ser realizadas aulas de esportes coletivos.

Bobinho reduzido

Objetivos: o desenvolvimento de relações entre aluno-bola, aluno-colega-adversário, e conceitos de ocupação de espaços, especificamente, o aclaramento.

Material: Uma bola de Futsal

Desenvolvimento: Divide-se a turma em pequenos grupos, escolhendo um dos integrantes de cada turma para ser o “bobinho” dentro de seu respectivo grupo. Os demais integrantes do grupo deverão realizar a maior quantidade de passes possíveis entre eles, sem que o “bobinho” consiga dominar a bola, assim que o mesmo consiga tal domínio, este fará parte dos integrantes que realizam os passes, e a criança que realizou o último toque na bola antes dela ser tomada, fará o papel de “bobinho”.

Comentários: Tal atividade é riquíssima do ponto de vista de melhora da relação eu-bola, pois em vantagem numérica é muito mais fácil dominá-la e raciocinar como agir com ela sob domínio. Além disso, a principal característica desta brincadeira é a necessidade encontrada pelas crianças da realização do aclaramento, ou seja, buscar espaços vazios para a criação de linhas de passe, pois se uma criança posicionar-se atrás do marcador (“bobinho”), esta não receberá a bola.

Outro fator muito interessante é que esta brincadeira é muito versátil, podendo ser realizada com variação no número de crianças para a realização de passes, no número de “bobinhos”, ou até no número de bolas ou de passes a serem realizados, de acordo com a necessidade e os objetivos do professor.

7. Avaliação do Método Sistematizado

Um dos objetivos centrais desta pesquisa foi o ensino da prática do Futsal através de Jogos Pré-desportivos, onde foram trabalhadas de forma unificada, tanto a tática (pensamento e conhecimento tático dos alunos) quanto a técnica, aplicando-se um aprendizado voltado a situações reais de jogo.

As avaliações foram feitas no decorrer dos jogos formais, através de filmagens. Pois o objetivo é ensinar as crianças a praticar Futsal dentro dos mesmos, fazendo com que se sintam úteis e capazes de mudar qualquer situação de jogo, sentindo prazer por tal prática. Houve quatro avaliações durante a pesquisa, sendo uma a cada mês, onde as mesmas indicaram a evolução do grupo de alunos.

A avaliação se deu de acordo com as fases do desenvolvimento do jogo, citado por Garganta, a partir das quais, os jogos de avaliação foram classificados dentro das fases citadas. Essa avaliação foi baseada nos indicadores de jogo de nível fraco e desenvolvimento do bom jogo (Garganta, 1995, p.18).

Os indicadores de um jogo de nível fraco são:

- Todos juntos na bola (aglutinação)
- Querer a bola somente para si (individualismo)
- Não procurar espaços para facilitar o passe do colega que tem a bola
- Não defender
- Estar sempre falando para pedir a bola ou criticar colegas

E também, segundo Garganta (1995, p.19), existem fatores de indicação de um desenvolvimento do bom jogo:

- Fazer a bola correr (passar)
- Afastar-se do colega que tem a bola

- Dirigir-se para espaços vazios no sentido de receber a bola
- Intencionalidade: receber a bola e observar (ler o jogo)
- Ação após o passe: movimentar para criar linha de passe
- Aclaramento: afastar-se do colega que tem a bola e ocupar o seu espaço
- Não esquecer o objetivo do jogo (gol, cesta, ponto).

FASES DO DESENVOLVIMENTO DO JOGO, por Garganta (1995, p.19).

FASES	Comunicação na Ação	Estruturação do Espaço	Relação com a Bola
<i>Jogo Anárquico</i> -Centralização da Bola - Sub-funções -Problemas compreensão do Jogo	Abuso da verbalização, sobretudo para pedir a bola ⁷	Aglutinação em torno da Bola e Sub-funções	Elevada utilização da visão central
<i>Descentralização</i> - A função não depende apenas da posição da bola	Prevalência verbalização	Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo	Da visão central para a periférica
<i>Estruturação</i> -Conscientização coordenação das funções	Verbalização, comunicação gestual	Ocupação racional do espaço (tática individual e de grupo)	Do controle visual para o proprioceptivo
<i>Elaboração</i> -Ações inseridas na estratégia da equipe	Prevalência Comunicação gestual	Polivalência funcional, Coordenação das ações táticas coletivas	Otimização de capacidades proprioceptivas

A associação entre o quadro das fases do desenvolvimento do jogo e os indicadores do jogo desenvolvido e do jogo em desenvolvimento, ocorreu da seguinte forma, denominamos as fases do jogo como Fase 1 (Jogo Anárquico), Fase 2 (Descentralização), Fase 3 (Estruturação), Fase 4 (Elaboração), e foi analisada a incidência dos indicadores no jogo, determinando assim, a fase de desenvolvimento em que o grupo se encontra.

⁷ É importante salientar que o exagero do uso da verbalização pode ser considerado um fator negativo no processo de aprendizagem dos jogos desportivos coletivos, se ocorrido de forma desordenada e desorganizada, como o próprio Garganta cita, "sobretudo para pedir a bola".

8. Avaliação dos Jogos Formais

Esta sessão trata das avaliações das alterações de compreensão causadas pelo ensino dos módulos propostos. Assistimos aos jogos e os comparamos, com base nos indicadores do jogo de nível em desenvolvimento e indicadores do jogo de nível desenvolvido citados por Garganta (1995), além das fases de desenvolvimento do jogo, citados pelo mesmo.

Os jogos tiveram a duração de 10 minutos, e foram filmados durante as aulas propostas pelo projeto de pesquisa tratado. Foram realizados dois jogos em cada dia de avaliação, levando em conta que temos cerca de 20 alunos. Foi necessária tal atitude para que o grupo fosse avaliado de forma global, o mais próximo possível da situação real de um jogo formal de Futsal.

Filmagem 1 – data 27/03/01

Durante esse jogo, percebemos nas crianças uma desorganização tática já esperada, considerando que haviam sido dadas somente duas aulas anteriores, sendo a primeira somente para apresentação do método e dos alunos e início do Módulo 1, e a segunda com enfoque mais voltado ao trabalho dos níveis de relação.

Notamos então, que havia alguns indicadores do jogo de nível fraco, citados por Garganta (1995) como:

Aglutinação em torno da bola;

Individualismo;

A não procura por espaços vazios para facilitar as ações ofensivas da equipe;

Abuso da verbalização.

Analisando esses indicadores, podemos notar que a aglutinação em torno da bola seja ocorrente, além de outros fatores, devido à constante e

exagerada visualização da bola como objeto único no jogo, cito isso devido ao fato claro de que a prioridade dos jogadores durante a partida, era estar sempre próximo à bola, e tentar estar de posse da mesma em qualquer ocasião. Isso gera o que chamamos de sub-funções dos jogadores, onde os mesmos não têm funções definidas em relação à movimentação e posicionamento tático dentro da partida.

Podemos citar também, que o individualismo ocorrente deve-se ao mesmo fato, visão central sobre a bola e prioridade em mantê-la sob o próprio domínio durante o maior tempo possível. Com isso, podemos concluir que o fato da não procura dos espaços vazios deve-se principalmente à essa procura pela bola durante o jogo. Assim, cabe aqui a afirmação de que em um jogo de nível fraco, como o que ocorreu nesta ocasião, o que determina as ações e o ritmo da partida é a bola, não os jogadores, pois tudo o que ocorre é em função da mesma, não há um controle ou uma manipulação da bola e da movimentação tática por parte dos jogadores.

Dentro deste quadro citado por Garganta (1995), de acordo com as fases de desenvolvimento do jogo, podemos classificar esses dois primeiros jogos como presentes da Fase Anárquica do jogo, de acordo com as seguintes características observadas na avaliação:

Sub-funções em relação ao posicionamento e ações táticas;

Problemas de compreensão do jogo, no que diz-se respeito não ao entendimento dos objetivos do jogo, pois nota-se uma certa clareza quanto a isso, mas sim a como conseguir concretizar esses objetivos;

Abuso da verbalização, ocorrente principalmente no jogo 1, utilizada principalmente para pedir a bola, porém, sendo utilizada também, em grande escala, para incentivar os companheiros, quase que não ocorrendo situações de reclamações excessivas com companheiros de equipe nem com a arbitragem.

Aglutinação na bola: notou-se uma maior preocupação de alguns jogadores em posicionar-se longe da bola, com a intenção de abrir linhas de passe, fato esse observado poucas vezes.

Visão central, no caso, aplicada na bola, onde as atenções, na maioria das vezes, estavam voltadas para a mesma, tanto em ações ofensivas, quanto defensivas. Pôde-se observar que essa visão central foi a responsável por uma desorganização tática e aglutinação em torno da bola, dificultando ações de ataque e tornando defeituosa a marcação do ataque adversário.

É importante citar também os indicadores do bom jogo, citados por Garganta (1995), encontrados nas partidas analisadas:

Defesa e execução da mesma, mesmo que desordenada, havia uma preocupação em defender o próprio gol de ações adversárias.

Não esquecimento do objetivo do jogo (Gol), notado durante toda a partida, tanto que dificilmente observava-se passes ou ações no sentido transversal à quadra, que entendo serem úteis para o desenvolvimento do bom jogo e da organização tática ofensiva de uma equipe, mas que nesse caso servirão para mostrar, além da movimentação, posicionamento e ação tática defeituosos, essa preocupação eminente em chegar ao gol e correr com a bola em direção ao mesmo.

Analisando de forma geral os dois primeiros jogos, podemos citar que ambos foram marcados pela desorganização em relação ao posicionamento e movimentação táticas, sendo muito aparente uma falta de intimidade com a bola, ou melhor, falta de noções de relação com a bola (objetivo de trabalho do Módulo 1), causando pressa e ansiedade em livrar-se da mesma (poucas vezes pôde-se observar domínio da bola e da situação de maneira proposital), ocorrendo, devido a esse fato, chutes e passes de primeira, sem um pré-domínio da bola, e sem um objetivo aparente. É importante citar, que quando falamos de objetivos aparentes, queremos nos referir à ações provocadas para

o alcance do objetivo do jogo, ou seja, observamos, sim, durante essas partidas uma preocupação em marcar o gol, tanto que a maioria dos passes e chutes sem um pré-domínio da bola foi direcionado para a direção do gol. A falta de objetivo em que me refiro, é o que julgo ser o mais importante durante uma partida de qualquer esporte coletivo, a intencionalidade de ações destinadas ao alcance do objetivo do jogo, explicitada através de ações que demonstrem domínio da situação, e principalmente, domínio da movimentação da bola no jogo.

Do ponto de vista defensivo, podemos notar a consciência de sua necessidade, porém, de forma desordenada, procurando sempre cobrir o local onde a bola encontrava-se, despreocupando-se com a marcação sobre o adversário.

Filmagem 2 – Data 26/04/01

Durante esses dois jogos, percebeu-se algumas melhoras em relação à primeira filmagem, no que diz-se respeito à movimentação tática e relação dos jogadores com a bola. É importante ratificar que essa avaliação ocorreu depois da realização das aulas do Módulo 1- Níveis de relação, onde foram trabalhadas situações de jogo visando o desenvolvimento da relação dos jogadores com a bola, com os adversários, com os companheiros de equipe e com o alvo a ser atingido.

Alguns fatores continuaram presentes na Segunda filmagem em relação à primeira, como a individualidade dominante, porém causada por outros motivos que não os explicitados na primeira análise, que serão tratados mais adiante, e alguns poucos momentos de aglutinação em torno da bola.

Podemos notar, uma melhora em relação às funções táticas, onde é visível que alguns alunos postam-se mais defensivamente e outros mais ofensivamente, diminuindo a aglutinação em torno da bola durante o jogo

todo. Esse fato leva-nos a constatar que houve uma diminuição da visão centralizada na bola, desfazendo-a de regente das ações do jogo, transformando-a em um objeto manipulável.

Em decorrência desses fatos, é notado, decorrente dessa visão descentralizada em relação à bola, uma melhor movimentação tática junto de um melhor posicionamento tático, ocupando espaços na defesa e buscando abrir espaços durante o ataque. Conseqüentemente à essa diminuição da visão central na bola, nota-se um aumento da visão periférica, ainda não dominante, mas que modifica de forma sensível a direção do jogo, onde, devido à esse fato, podemos observar melhoras como:

Criação de uma linha de passe: o que praticamente não foi observado na primeira filmagem, durante a segunda, pôde-se notar passes rápidas, direcionados e objetivos, buscando colegas de equipe melhor posicionados para chegar ao gol, nota-se também uma pequena mudança na direção do jogo, que deixou de ser extremamente longitudinal, ou seja, todos os passes deixaram de direcionar-se sempre em direção ao gol, e passaram, a além disso, acontecer em direção transversal, fazendo com que as ações ofensivas fossem mais organizadas e intencionalizadas.

Melhora da relação dos jogadores com a bola: notamos a diminuição da pressa em livrar-se da bola, isso pode ser devido ao fato de que as crianças começaram a agir com mais segurança e de forma mais intencional ao manipular a bola, porém, o fato de observarem, ou lerem o jogo antes de agirem ainda não é dominante em relação à ação sem esse leitura.

Com essas melhorias no entendimento do jogos, ou melhor, do entendimento dos caminhos que levam ao objetivo do jogo, podemos notar outras melhoras que vêm a facilitar ações coletivas, e que podemos atribuí-las à melhora dos níveis de relação do jogadores:

Dirigir-se para espaços vazios: Com a diminuição da visão centralizada na bola, e o entendimento da necessidade de jogar com o ganho e a perda de espaço de jogo, nota-se uma melhora na movimentação dos jogadores, onde observa-se, na ação ofensiva, uma busca por espaço vazio, afim de posicionar-se para receber a bola ou simplesmente para manipular a defesa adversária, e na ação defensiva, a intenção de fechar os espaços dos atacantes adversários, e dificultar a chegada da bola no próprio gol (isso é facilmente observado em alguns jogadores que posicionam-se entre a bola, ou o atacante que detêm a posse desta e o gol).

Objetivo do jogo: Observa-se um equilíbrio entre a frequência de ações individuais e ações coletivas, porém, sem esquecer o objetivo central (GOL) em nenhum dos dois jogos.

Intencionalidade: Essa ação é definida com a leitura do jogo por parte do jogador antes de agir, para no momento da ação, fazê-la de maneira racional. Essa característica é facilmente observada quando os atletas criam uma linha de passe, provocando que a bola corra sempre para o jogador em melhores condições de recebe-la, também quando os atletas buscam espaços vazios, tanto para fechar espaços na própria defesa, quanto para abrir espaços no ataque, pois quando essa ação está presente, nota-se uma maior consciência nas ações, onde os jogadores “sabem o que estão fazendo”.

Essa característica da intencionalidade foi observada na segunda filmagem, em alguns momentos, a ação de fazer a bola correr, derivada da intencionalidade, ficou prejudicada ao aclaramento mal realizado pelos jogadores.

Aclaramento: Essa ação consiste em afastar-se do colega da bola para criar espaços para o ataque, foi muito utilizada de maneira mais longitudinal, buscando sempre o gol, movimentando-se predominantemente em direção ao mesmo, algumas vezes até, atrás da defesa adversária, dificultando o passe.

Nessa filmagem, notou-se uma melhor muito sensível no domínio e na relação com a bola, o que facilitou muito a realização de outras ações no jogo. Os níveis de relação **Eu-bola**, **Eu-bola-alvo**, **Eu-bola-adversário**, **Eu-bola-colega**, **Eu-bola-equipe-adversários**, foram trabalhadas e ao meu ver responsáveis por essa melhora, como nos três primeiro níveis de relação, onde foi trabalhado, além do pensamento tático que engloba os mesmos, as ações de passe, recepção, controle de bola, leitura do campo de jogo, posicionamento em relação ao seu adversário e à sua equipe. Creio que esse trabalho foi responsável, de forma determinante para a melhora do nível de jogo dos alunos, criando nos mesmos uma consciência tática, tanto coletiva quanto individual, que facilitou e facilitará muito mais as ações dos mesmos dentro de um jogo de Futsal.

Filmagem 3 – Data 31/05/2001

Notou-se uma melhora sensível no que podemos chamar de consciência de posicionamento. Ao evitarem a aglutinação em torno da bola, os jogadores buscam de maneira mais consciente espaços vazios para recebê-la em melhores condições de ataque.

Essa movimentação direcionada a esse ganho do espaço vazio vem sendo crescente desde a avaliação da segunda filmagem, é nítida a preocupação em todos os alunos de procurarem espaço livre para receberem a bola ou simplesmente abrir a defesa adversária.

Individualização: Nesses jogos, ocorreram alguns momentos onde as crianças executaram algumas jogadas individuais, porém, agora, de forma mais provocada, ou seja, em momentos onde havia esta possibilidade, e não somente porque tinham vontade de fazê-la (como as ocorrências de jogadas extremamente individuais na segunda filmagem) sem antes ler o jogo (uso da intencionalidade).

Primeiramente, analisaremos nos jogos avaliados, as ocorrências dos indicadores do jogo de nível fraco, para em seguida analisarmos os indicadores do bom jogo, ambos citados por Garganta (1995).

Verbalização: O uso exagerado da verbalização não ocorreu, havendo porém, a utilização dessa verbalização no que tange à comunicação dentro do jogo, sem seu abuso. A verbalização foi, de forma geral, utilizada para corrigir posicionamentos e também para pedir a posse de bola, esta segunda teve frequência menor em relação à filmagem anterior.

Dentro disso, podemos concluir que essa diminuição da verbalização pode ser decorrente da melhoria da capacidade de posicionamento e de leitura do jogo por parte das crianças. É possível afirmar que a melhora da intencionalidade no jogo têm conseqüências positivas nas ações das crianças com e sem bola, tornando assim, menos necessária a utilização da verbalização dentro do jogo.

Aglutinação na bola: A respeito do posicionamento dos jogadores, é importante tratar da ocorrência da aglutinação em torno da bola. Como já foi dito, esta foi raramente observada, existindo ainda no jogo formal. É nítida a melhora do posicionamento em quadra, podendo dizer que poucas crianças mantiveram um posicionamento fixo, pré-determinado. Embora não ocorresse a aglutinação em torno da bola, o posicionamento em quadra ainda foi dependente da posição da mesma.

Não defender: Um outro fator tomado como base para análise dos jogos foi o fato de não defender, ou seja, uma preocupação predominante em conseguir a posse de bola e atacar de qualquer forma o gol adversário, sem preocupar-se em evitar os ataques ao próprio campo de defesa. A ocorrência deste tipo de ação já foi pequena na primeira filmagem, e também na segunda, sendo que, durante a terceira filmagem, não houve essa ocorrência. É claro que todos os jogadores têm preocupações tanto ofensivas quanto defensivas,

ocorrendo até ações predominantemente defensivas, por parte de alguns jogadores.

Intencionalidade: É um indicador facilmente observado e com frequência muito alta. É facilmente notada maior incidência do domínio de bola, onde os jogadores a mantiveram sob controle para observarem o jogo antes de ações ofensivas. Pôde ser observada também a presença de intencionalidade no posicionamento, através da qual as crianças buscaram espaços vazios na quadra, lendo o campo de jogo e avaliando um melhor posicionamento a ser tomado naquele momento, antes de posicionar-se.

Outro momento em que o uso da intencionalidade apresentou-se com nitidez foi, principalmente, quando, de posse de bola, alguns jogadores buscavam companheiros melhor posicionados para recebê-la. Não obtendo êxito, partiam para a jogada individual.

Criação de linha de passe: A partir de uma melhor distribuição dos jogadores em quadra (não-aglutinação na bola), aliada à intencionalidade evidente, a criação de linhas de passe fica muito mais viável, sendo uma constante durante o jogo; embora com eficácia questionada, ora por erros de posicionamento, ora por erros técnicos.

Esses erros de posicionamentos foram, principalmente, em relação ao próprio marcador e não ao espaço da quadra, onde os atacantes, em alguns momentos, posicionavam-se atrás do adversário. Com isso, coloca-se o adversário entre o atacante posicionado para receber o passe e o detentor da posse da bola, dificultando a ação deste.

Defender: O ato de defender ocorreu com maior ênfase no jogador com a posse de bola. Em alguns casos, houve preocupação exagerada com a bola por parte dos defensores. Consequentemente, os atacantes conseguiram posicionar-se sem marcação adversária e em condições nítidas de converter um gol.

Não esquecer o objetivo do jogo: Fato esse nítido e constantemente presente no jogo.

Busca de espaço vazio: A busca do espaço vazio foi outro fator facilmente identificado. Podemos notar aí, uma maior facilidade para sua execução devido a fatores como a não-aglutinação e uma ocupação da quadra mais distribuída, tornando mais evidente a busca por espaços vazios. Essa busca por espaço, porém, em alguns casos foi feita de forma não tão eficiente, pois, como já foi dito, em alguns momentos o atacante posicionou-se atrás do adversário, dificultando a linha de passe.

Com essa análise, é possível afirmar que o Módulo 2- Jogos de Movimentação Tática, proporcionou o aprimoramento da capacidade de leitura de jogo e, conseqüentemente, ações provocadas e conscientes em quadra. Com isso, pode-se dizer que os jogos de movimentação tática foram eficientes no ponto de vista de proporcionar às crianças maiores possibilidades de movimentação e posicionamento, facilitando as ações tanto ofensivas quanto defensivas.

Como é característico em todo trabalho tático, o sucesso de ações não depende somente do conhecimento e das ações táticas dos jogadores, exigindo também um desenvolvimento contínuo e **paralelo dos níveis de relação Eu-bola, Eu-bola-alvo, Eu-bola-adversário**. Visto que, em alguns momentos, a diminuição deste trabalho determinou uma queda do desenvolvimento de relação com a bola, prejudicando algumas ações ofensivas, a movimentação e o posicionamento tático estavam perfeitos, havendo, porém, erros em ações com a bola.

Devido a esse fato, é possível concluir que o trabalho ocorrido no Módulo 1- Níveis de Relação, tem de ser sempre focado, objetivando um desenvolvimento linear dos alunos no aprendizado de determinada modalidade esportiva coletiva.

Filmagem 4 – Data 20/06/01

Estes jogos foram avaliados após a realização do Módulo 3 (maior utilização dos jogos formais), sendo assim, a última avaliação do método sistematizado. As conclusões de tal avaliação serão voltadas para o desenvolvimento do grupo durante tal módulo citado, deixando a avaliação completa do módulo para a conclusão do trabalho.

Nestes jogos foram observados alguns indicadores do jogo de nível bom, significando uma certa melhora em relação aos outros módulos. Tais melhoras deram-se, principalmente na ação de posicionamento e criação de linhas de passe, pode-se dizer que tal fato foi decorrente de uma maior familiarização das crianças com o jogo, podendo aplicar de forma mais direta os conceitos aprendidos no módulos anteriores. Durante a realização deste módulo além da maior ênfase em jogos formais, foram realizados, no início das aulas, alguns jogos voltados ao aprendizado dos níveis de relação, utilizados também no Módulo 1 (níveis de relação), pois após a avaliação do Módulo 2 (jogos de movimentação tática), sentiu-se a necessidade de uma melhor relação com a bola, fato esse, determinante no sucesso de ações táticas ofensivas.

Nessa última avaliação, ocorreu uma sensível evolução na relação com a bola, facilitando ações ofensivas, porém, a melhora mais evidente foi na finalização a gol das crianças. Ainda pôde-se observar:

Funções definidas: Não pode ser afirmado que as funções táticas estavam definidas durante o jogo formal, porém, nota-se uma evolução em tal fator de avaliação. Isso pode ser observado no posicionamento ofensivo ou defensivo que alguns jogadores tomaram durante o jogo.

Verbalização: Seguindo a evolução já ocorrida em outros módulos, a verbalização foi um fator pouco presente, principalmente para pedir posse de

bola, tal fator foi utilizado de forma discreta e em momentos em que o mesmo foi necessário. Isso pode ser observado na diminuição de gritos em relação às avaliações anteriores.

Busca ao gol mais acentuada: Tal fator já era observado nas avaliações dos Módulos 1 e 2, sendo constante durante esta última avaliação. Porém, pôde-se observar uma melhora na finalização ao gol, fator este que contribuiu para melhora acentuada das ações de ataque, no que se diz respeito à eficiência de tais ações.

Aclaramento mais nítido: A capacidade de aclaramento pôde ser observada de forma mais clara, pois ao adquirirem uma maior familiarização com o jogo, a ocupação de espaços ficou facilitada e mais consciente por parte dos alunos.

Formação de linhas de passe: Devido ao aclaramento estar mais presente e facilitado, e o fator de intencionalidade estar mostrar certa evolução, a criação de linhas de passe ficou facilitada, fazendo com que houvesse, além desse aumento na frequência desse fator, uma melhora nas ações ofensivas.

Defesa marca menos a bola e mais o oponente: Devido ao aclaramento estar mais desenvolvido, as ações defensivas ficam facilitadas, pois a simples ocupação de espaços vazios possibilita tal melhora. Isso pode ser notado ao observar que a marcação deixa de visar a bola simplesmente, e passa a visar o adversário, ou seja, a preocupação passa a ser em tirar espaços e não deixar que o adversário receba a posse de bola, porém, sem prender a visão à bola. Devido à essa melhora, a frequência de vezes em que atacantes posicionavam-se sem marcação para concluir a gol foi diminuída, melhorando de forma sensível a marcação.

Intencionalidade: Em relação a esse importante fator, pode-se dizer que houve uma melhora, pois ele está embutido em alguns outros analisados. Com

isso, pode-se concluir que o mesmo tenha contribuído para a melhora das linhas de passe e ações defensivas, principalmente.

É importante citar que tais fatores analisados representam melhoras significativas, mas que não levam a crer que a aprendizagem foi concluída, mas sim, houve um entendimento de certos conceitos úteis para um maior desenvolvimento desses alunos dentro do aprendizado do Futsal. Devido à esse fato, deve-se analisar tais evoluções sempre considerando que há algo mais para ser aprendido e que a ocorrência de tais fatores não significa que ainda persistem erros de posicionamento, movimentações e ações táticas, muito pelo contrário, esses erros ainda existem, porém, em menor escala em relação ao início da aplicação do método.

9. Conclusões

A partir das avaliações dos jogos formais, podemos observar evoluções diferentes em relação ao desenvolvimento das crianças, ou seja, ao término de cada módulo houve melhoras em aspectos diferenciados. Um exemplo disso foi a melhora significativa obtida da relação com a bola ocorrida na segunda filmagem, ao final do Módulo 1 – Níveis de Relação.

Quanto ao aspecto motivacional das crianças, ficou muito claro que o método conseguiu criar um vínculo entre os alunos e a modalidade, ou seja, as aulas começaram com um grupo de 29 crianças; ao final do Módulo 1, a turma era de 27 crianças, ao final do Módulo 2, havia 25 crianças, e ao final das aulas, a turma contava com 21 crianças. Apoiando-se nesse quadro, podemos afirmar que o método foi motivante e alcançou o objetivo de criar nas crianças um interesse e o prazer pela prática do Futsal. Considerando que sempre há evasão de alunos em qualquer curso de atividade física, tanto para crianças quanto para adultos, tais dados representam a capacidade do método em gerar uma ligação ótima entre os alunos e a prática esportiva.

A respeito da metodologia adotada, ou seja, a ordem de aplicação dos módulos, de acordo com os resultados obtidos pode ser considerada eficiente para o aprendizado dos esportes coletivos nesta faixa etária, pois o desenvolvimento inicial dos níveis de relação individuais (Eu-bola, Eu-bola-alvo, Eu-bola-adversários) proporcionou um melhor aproveitamento do conteúdo do segundo módulo (Jogos de Movimentação Tática).

Tal afirmação justifica-se pelo fato de que durante os jogos que buscavam o desenvolvimento do posicionamento e da movimentação tática, muitas vezes o objetivo central do trabalho não era alcançado como deveria, por algumas dificuldades de relação com a bola, apresentadas pelas crianças. Devido a esse fato, pode-se concluir que o ensino do Módulo 1 merece maior

atenção por parte do professor, sendo esse, a base para o aprendizado dos esportes coletivos.

Em relação à capacidade de ensino de cada módulo, podemos citar que o Módulo 1 (Níveis de Relação) proporcionou grande desenvolvimento das seguintes capacidades:

- Intencionalidade: leitura do jogo e do campo antes de realizar alguma ação.
- Visão periférica: embora ainda não desenvolvida totalmente, observou-se grande melhora neste aspecto, pois muitas crianças passaram a jogar sem olhar exageradamente para a bola, além de observarem e perceberem melhor o espaço à sua volta, antes de agirem.
- Relação com o adversário: posicionamento mais consciente em relação ao adversário, possibilitando ações tanto ofensivas quanto defensivas de acordo com as possibilidades apresentadas no jogo.
- Atitudes defensivas: posicionamento passou a ser realizado em relação ao adversário, ou seja, o que antes os alunos movimentavam-se de acordo com a posição de bola, os mesmo passaram a fazê-lo em relação ao adversário.
- Maior facilidade de relação com a bola: melhor aproveitamento de jogadas onde havia a posse de bola.
- Ações ofensivas mais conscientes: devido à melhora na intencionalidade e na visão periférica, as ações ofensivas foram desenvolvidas de forma mais provocada e consciente pelos alunos, ou seja, foi criado o hábito de observar antes de realizar determinada ação. Com isso, ficou mais clara a busca pelo gol.
- Diminuição significativa da verbalização: devido à melhor consciência do que estava ocorrendo no jogo, graças ao desenvolvimento da visão periférica e da intencionalidade, a verbalização excessiva não se fez tão

presente e necessária, pois as crianças entendiam melhor o que estava ocorrendo no jogo.

O Módulo 2 (Jogos de Movimentação Tática) desenvolveu as seguintes capacidades:

- Melhora da intencionalidade: tal capacidade ficou mais apurada e pôde ser observada com mais frequência.

- Aclaramento: tal capacidade caracteriza-se pela busca de espaços vazios para receber a posse de bola (em ações ofensivas), e pode ser aplicado no posicionamento defensivo, cobrindo espaços vazios na quadra, dificultando a ação adversária.

- Criação de linhas de passe: Devido à melhora da capacidade de aclaramento, tal ação ocorreu com frequência.

- Atitudes defensivas mais organizadas: Devido à melhora da intencionalidade e ao desenvolvimento do aclaramento, as ações defensivas foram mais organizadas considerando o posicionamento de ocupação de espaços e de marcação sobre o adversário e não sobre a bola.

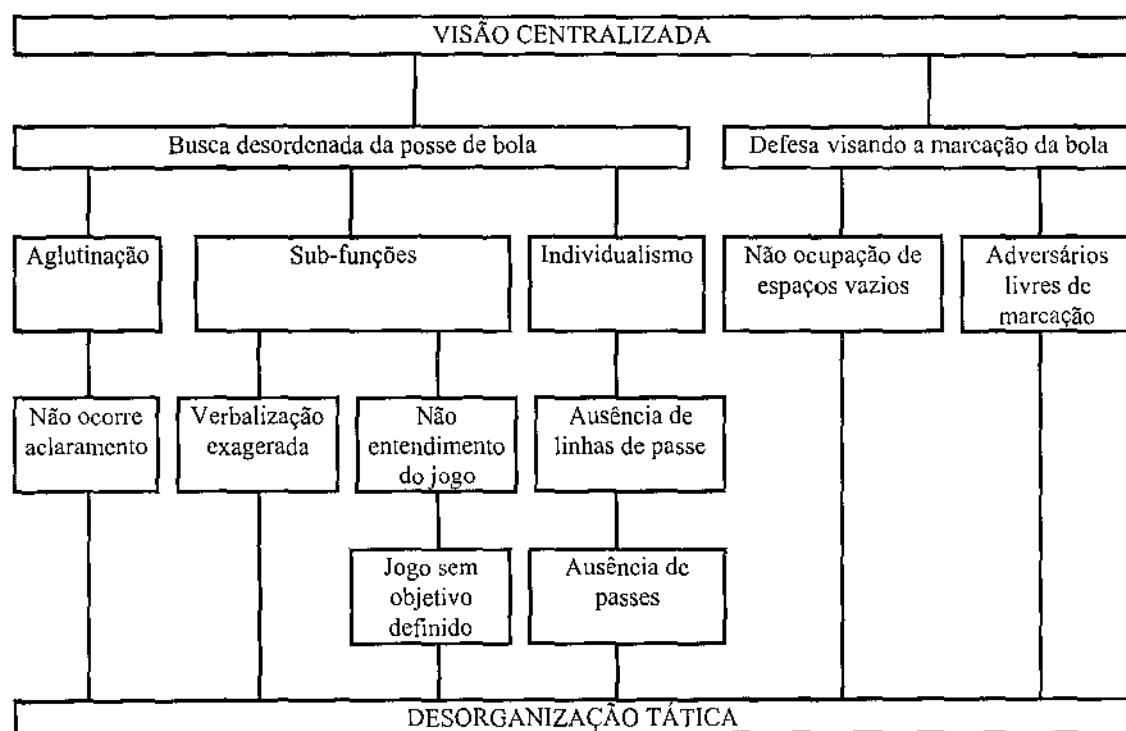
- Diminuição da verbalização: verbalização utilizada em menor escala em relação às duas primeiras filmagens, devido ao melhor desenvolvimento das capacidades de visão periférica, intencionalidade e aclaramento.

O Módulo 3 (Maior Utilização dos Jogos Formais) proporcionou aos alunos uma maior familiarização com as situações de jogo, deixando mais claro o porquê de cada ação, e proporcionando que o conteúdo aprendido nos módulos anteriores fosse aplicado.

Devido a tais afirmações, criamos uma linha de raciocínio para o aprendizado dos esportes coletivos, a qual pode ser utilizada para definir prioridades a serem trabalhadas em cada módulo e através do método por inteiro.

Tal linha pode ser definida como “*Rede de aprendizagem dos esportes coletivos*”, sendo esta dividida em negativa e positiva, onde a partir do desenvolvimento de determinadas capacidades, torna-se mais viável desenvolver outras delas. Tal rede funciona da seguinte forma, na cabeça da tabela (Visão centralizada), encontra-se a ação que desencadeará as ações da linha abaixo, seguindo assim até seu final. A idéia é interpretá-la de modo a eliminar falhas anteriores, antes de corrigir alguma ação dependente dos mesmos. Portanto, tal linha de raciocínio é baseada em ações que levam a uma jogo de nível fraco, cabendo ao professor eliminar tais fatores, visando ao alcance do jogo de nível bom. A tabela abaixo caracteriza tal rede:

REDE DE APRENDIZAGEM DOS ESPORTES COLETIVOS SEQUÊNCIA NEGATIVA

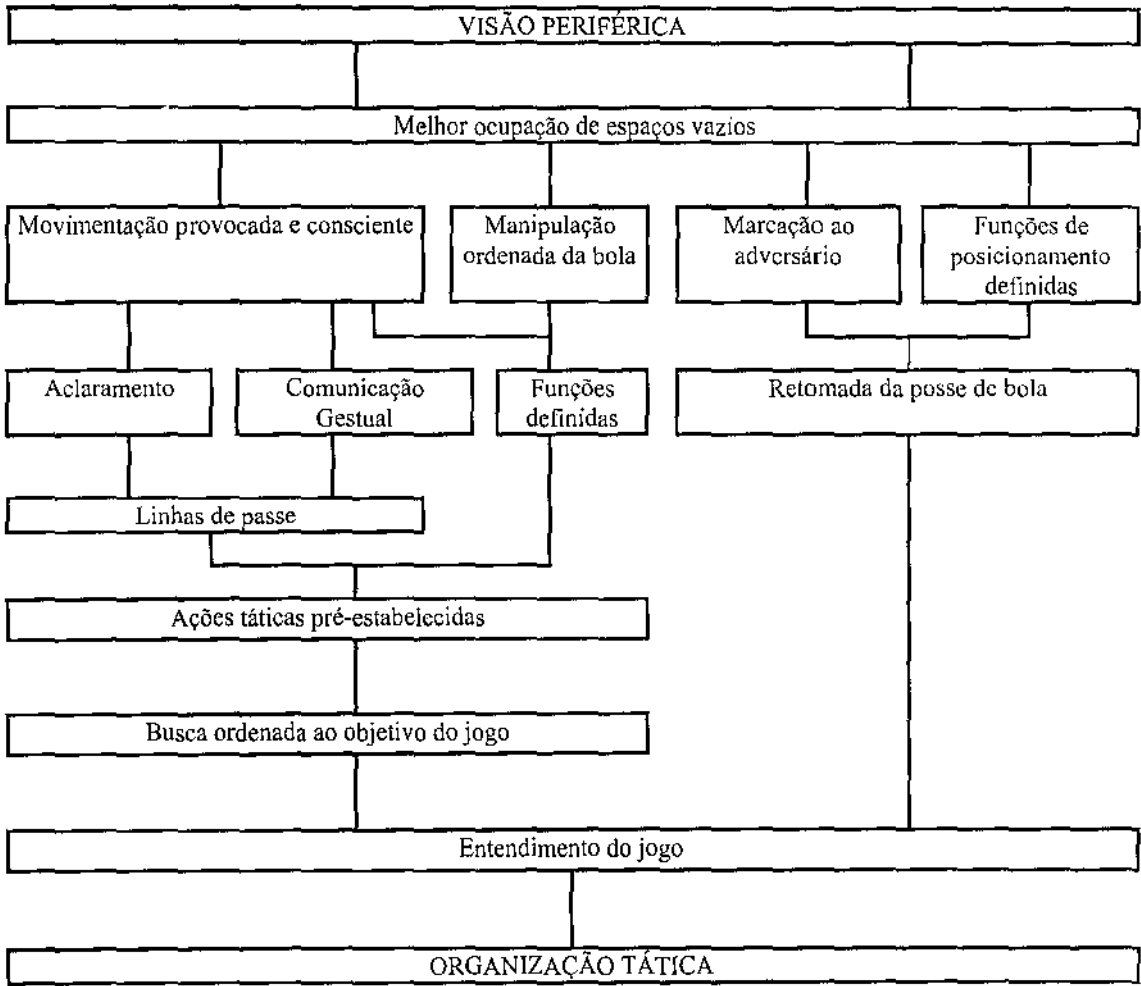


Como se pode observar, a chave e a prioridade a ser trabalhada no ensino dos esportes coletivos é a transformação da visão centralizada em periférica, onde através disso, pode-se proporcionar melhoras em relação à

intencionalidade, ao aclaramento, à criação de linhas de passe, etc. Também é observado que com isso, tem-se ganhos no setor defensivo, onde a visão do jogador irá englobar tanto a marcação aos adversários, quanto à ocupação do espaço da quadra, quanto à marcação das linhas de passe do oponente.

Para uma análise do pode ser feito para sanar as ocorrências citadas anteriormente, podemos basear o ensino na rede de aprendizagem dos esportes coletivos, em sua seqüência positiva:

**REDE DE APRENDIZAGEM DOS ESPORTES COLETIVOS
SEQUÊNCIA POSITIVA**



(Marques, 2001)

A análise de tal rede segue o mesmo padrão da anterior, porém com a diferença de que esta última prioriza as ações positivas, ou melhor, o que deve

ser alcançado e realizado pelo aluno dentro de uma partida de esporte coletivo. Ao compararmos ambas as seqüências, podemos notar que em ambas a chave para um melhor rendimento dentro de um jogo formal coletivo é o direcionamento da visão do aluno, de centralizada (onde o mesmo tem preocupação voltada principalmente à bola e às próprias ações individuais) para periférica (tendo a preocupação voltada para o desenho tático do jogo e ações coletivas), fazendo com que o aluno haja de forma consciente e com intencionalidade.

É claro que o aprendizado de determinado esporte coletivo não ocorre somente com o desenvolvimento desta visão periférica, outros fatores também são muito importantes, como o entendimento do jogo e os objetivos a serem alcançados dentro do mesmo.

Esse entendimento pode ser alcançado através da aquisição de determinadas capacidades, como por exemplo, a capacidade de aclaramento e de agir com intencionalidade, ações estas que obrigam o jogador a utilizar os quatro fatores de ensino de Hourcade (1998), já citados neste trabalho, havendo a percepção (através da visão periférica), a solução mental (raciocínio baseado nos objetivos a serem alcançados e como alcança-los) e a solução motora (intervenção no jogo).

Portanto esse entendimento dá-se quando o aluno aprende os caminhos a serem tomados para alcançar o objetivo central do jogo, de forma ordenada e provocada, atuando com intencionalidade em suas ações.

10. Considerações Finais

O objetivo inicial desta pesquisa foi estabelecer a sistematização de um método de ensino que abrangesse o ensino dos esportes coletivos como um todo, porém, utilizamos a modalidade Futsal visando a facilitar a aplicação do método.

A partir das conclusões obtidas através deste trabalho, pode-se observar que tal método pode ser aplicado no ensino das demais modalidades, visto que muitos dos fatores analisados, e que apresentaram melhora por parte dos alunos, são comuns entre as modalidades de esportes coletivos, segundo Júlio Garganta e Claude Bayer. Nesse quadro, podemos observar ainda, que muitos dos jogos utilizados nessa sistematização, principalmente os pertencentes ao Módulo 2 (Jogos de movimentação tática), apresentam similaridades com outros esportes coletivos, além do Futsal.

Um exemplo disso pode ser dado com o jogo *Megabol*, no qual os alunos utilizam-se das mãos para construírem jogadas ofensivas, podendo, com algumas adaptações, ser esse um jogo utilizável no ensino do basquetebol ou do handebol, por exemplo.

Portanto, pode-se dizer que tal método apresentou uma sequência metodológica satisfatória em relação ao desenvolvimento das crianças dentro dos esportes coletivos. As melhoras foram significativas e comprovaram a eficácia do método, além de determinar uma sequência de aprendizagem motora para o ensino de tais esportes.

A elaboração dessa monografia foi muito útil para meu desenvolvimento como profissional de Educação Física, pois pude me aperfeiçoar ainda mais em conhecimentos na área de ensino dos esportes coletivos, além de iniciar-me no mundo da pesquisa acadêmica.

Com a conclusão de tal pesquisa, podemos ter um ponto de partida para trabalhos futuros, aprofundando e aperfeiçoando os conhecimentos em tal área, servindo de apoio para profissionais da área de Educação Física. Espero que profissionais de escolas de esportes, clubes ou até de escolas formais utilizem esse trabalho em suas aulas e pesquisas, podendo contribuir para o ensino dos esportes coletivos para crianças e amantes de tais práticas.

Finalizando, espero que esse trabalho leve profissionais de Educação Física e seus alunos a amarem a prática dos esportes coletivos (em especial o Futsal, minha paixão), como eu a amo, sendo esse sentimento o responsável pelo início, execução e pela minha dedicação à essa pesquisa.

11. Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Leonardo Ayron Caleffi. Escolas de esportes: uma atividade extracurricular: Um estudo de caso. Monografia de graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física UNICAMP, 1999.
- BENTO, Adalberto. O ensino dos esportes coletivos na aula de educação Física escolar. Monografia de graduação em Ed. Física - Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, 1997.
- BRACHT, Valter. Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, supl. 2, p.23-28, 1996.
- CARDOSO JÚNIOR, Antonio Maria M. Basquetebol na escola. Recife, Secretaria da Educação de Pernambuco, s.d.
- CARVALHO, A. Melo de. Desporto escolar: inovação pedagógica e nova escola. Lisboa, Editorial Caminho, 1987.
- DAOLIO, Jocimar. Cultura: Educação Física e futebol. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.
- FERREIRA, Ricardo Lucena. Futsal e a iniciação. Rio de Janeiro, Editora Sprint, 1994.

- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática de Educação Física. São Paulo, Editora Scipione, 1989.
- GARGANTA, Júlio. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Orgs.) O ensino dos jogos desportivos. Porto: Universidade do Porto, 1995.
- GRUPO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA. O ensino dos esportes coletivos: contribuições de Claude Bayer. Anais do I Congresso Latino-Americano e II Congresso Brasileiro de Educação Motora. V.1, p.332 - 338, 1998.
- HADICH, Polyana Maria Junqueira. O esporte no contexto escolar. Monografia de graduação em Educação Física - Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, 1997.
- HOURCADE, Hernan. O ensino dos esportes coletivos na escola. Monografia de graduação em Educação Física - Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, 1998.
- MARTINS, Marcelo F. B. Prazer de competir: relato de experimentos críticos/sociais na construção de uma metodologia de jogos internos escolares. Anais de X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. V.1, p. 320-323, 1997.
- MONTAGNER, Paulo Cesar. Esporte de competição x educação? O caso do basquetebol. Dissertação de mestrado -- Faculdade de Educação, UNIMEP, Piracicaba, 1993.

PAES, Roberto Rodrigues. Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

PAES, Roberto R. Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental. Tese de doutorado - Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas, 1996.

SOUZA, Pablo Ramon Coelho de. Proposta de avaliação e metodologia para desenvolvimento do conhecimento tático em esportes coletivos: o exemplo do futsal. I Prêmio INDESP de literatura esportiva, Volume 1, Brasília, 1999.

TANI, Go et. al. Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

ZAKHAROV, Andrei. Ciência do treinamento desportivo. Rio de Janeiro, Grupo Palestra Sport, 1992.